

A ORDEM

L'ORDRE EST LA LOI DU MONDE NATUREL ET
LA LOI DU MONDE SUR NATUREL — HELLO.

1099
—
1974

ANNO XV — VOL. XIV

JULHO A DEZEMBRO DE 1935

CENTRO DOM VITAL
BIBLIOTECA

RIO DE JANEIRO

Redacção e Administração — PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2º.

Telephone 23-4055 — Caixa Postal 249

n.º 60

A IGREJA E O MOMENTO POLITICO

TRISTÃO DE ATHAYDE

(As forças politicas ponderaveis perante as quaes se encontra hoje a Igreja no Brasil são as seguintes:

- o Governo constituido,
- a Opposição politica a esse governo,
- o Integralismo,
- a Acção Imperial Patrianovista,
- a Alliança Nacional Libertadora. (1)

(I. O Governo actual provem da constitucionalização do paiz. Constituido, em grande parte, pelas forças politicas que emprehen-deram na Alliança Liberal a revolução de 1930 é fruto directo das primeiras eleições que se fizeram depois da volta do paiz á ordem juridica, sob a nova Constituição de 16 de Julho, os homens que o conduzem são, em regra, os políticos que fizeram a Revolução de Outubro. O regimen que o caracteriza é a democracia liberal nos termos da Constituição de 16 de Julho, Governo de facto e de direito, muito menos que governo partidario, a tendencia dominante que se lhe nota é um sincero desejo de consolidar a ordem constitu-cional e reagir contra as tendencias revolucionarias que o "outubrismo" e o "tenentismo" innocularam no paiz, a partir de 1922. Hesitante, tolerante, até certo momento, com uma vida financeira ac-cidentada e desprestigiada, mas ao contrario com uma fé de officio diplomatica muito apreciavel, nota-se no Governo uma tendencia crescente a defender a ordem publica e a acertar na ordem adminis-trativa, vencendo quanto possivel as difficuldades provenientes, tanto dos phenomenos sociaes em si quanto da falta de unidade em sua propria composição. Em face das demais forças politicas do quadro que apresenta hoje em dia a vida publica brasileira, a posição do Governo é de condemnar, igualmente, os dois "extremismos", da di-reita e da esquerda, pugnando pela defesa da Democracia Liberal. Em alguns dos seus homens de responsabilidade mais elevada, en-

(1) Esta chronica foi escripta antes do fechamento da A. N. L. como subversiva.

contramos nesse ponto mais clarividencia e uma posição mais nitida de condemnação apenas ao extremismo vermelho e esquerdista. Por outro lado, incongruências estranhas ainda perduram, como seja a existencia no Rio de Janeiro, de um Governo municipal, de francas tendencias-socialistas, ou, pelo menos, que faz docilmente o jogo dos communistas, tanto nas suas declarações socialistas como nas suas orientações pedagogicas. São restos, aparentemente, da eliminação do "tenentismo", que ainda não se operou de todo. Até ha pouco a permanencia do sr. Moreira Lima no Ceará e do sr. Barata no Pará eram tambem indicios seguros dessa insufficiente eliminação do outubrismo, nos quadros da nova Republica de 16 de Julho. A obra do sr. Getulio Vargas, nesse sentido, tem sido lenta e laboriosa mas coerente e saneadora, sob apparencias contradictorias.

Quanto á posição do Governo para com a Igreja e o catholicismo brasileiro, tem sido em geral do mais rigoroso respeito ás aspirações do povo e aos direitos da consciencia religiosa e da tradição nacional. As forças politicas da maioria e mesmo da minoria politica parlamentar — com exclusão em um e outro campo, dos elementos anti-clericaes ou anti-religiosos — votaram na Constituição, favoravelmente, ao programma da Liga Eleitoral Catholica. E aqui mesmo já fartamente accentuamos a modificação radical que a Constituição de 16 de Julho trouxe ás relações juridicas entre o Estado e a Igreja, passando do regimen da separação ao da cooperação, sem alliança ou dependencia reciproca, de qualquer especie. E', hoje em dia, o regimen mais eficiente e mais util á collectividade, desde que seja cumprido com boa vontade. E essa boa vontade só tem faltado, até hoje, nos sectores, como o municipal do Rio, em que não foram ainda eliminados os residuos do "tenentismo".

II. A opposição é representada, hoje em dia, ou por elementos politicos da Revolução de 30, que se separaram do Governo, durante o periodo dictatorial ou por elementos da primeira republica agora novamente resurgidos. Tentou essa minoria constituir um grande partido nacional, o que não lhe foi possivel até agora, achando-se dividida em pequenas ou grandes (S. Paulo, Rio Grande) facções estaduais, mais ou menos articuladas, na Camara, num bloco de opposição systematica, mas cordial. Conta essa opposição homens pessoalmente eminentes, das maiores figuras da Camara, e luta contra o Governo, não por motivos doutrinaes, mas circumstanciaes e administrativos. Doutrinariamente, colloca-se a opposição no mesmo terreno que o Governo, isto é, na defesa da Democracia Liberal, contra toda e qualquer modificação actual de quadros juridicos. E'

certo que, nem no Governo nem na Opposição, ha sympathias unanimes pela Constituição de 16 de Julho. Ambos consideram essa Carta como transitoria e falha, mas de momento não se cogita de qualquer alteração immediata no regimen.

(Nessa reacção, contra os "extremismos", em defesa da Democracia Liberal, é certo que a Opposição se comporta com muito menos ardor que o Governo, pois pensa antes de tudo em derrubar a este ou pelo menos em culpá-lo por tudo quanto se passa de mal no paiz, como é de regra, aliás, em todas as opposições). Não vimos ha dias deputados eminentes da Opposição condemnando o Governo pelas medidas repressivas contra a agitação revolucionaria social "alliancista" e declarando que os "extremismos" são muitos menos graves que os "mãos governos"? Ha, pois, nas hostes da Opposição elementos que prefeririam sacrificar o regimen da Constituição de 16 de Julho á permanencia do Governo, que consideram um "mão governo".

Doutrinariamente, como já disse, não ha nas correntes dispersas da Opposição, nem qualquer programma unanime de reforma politica nem qualquer laço profundo a não ser o adversario commum.

Quanto á posição da Opposição em face da Igreja e dos catholicos, que é o problema que aqui nos interessa, é a mesma que a do Governo. Dentro dos principios da Constituição de 16 de Julho, que os seus elementos votaram, pleitearam ou acceitam, todo o reconhecimento á força moral e social da Igreja. Tanto entre os elementos do Governo como da Opposição ha catholicos de primeira ordem, no exercicio da liberdade que a Igreja lhes dá, — e acabam de renovar os estatutos da Acção Catholica Brasileira, em seu art. 11, — de filiarem-se individualmente — "a qualquer partido politico que, nada contendo em seus programmas e actividades de contrario ás leis de Deus e da sua Igreja, dê ainda a necessaria garantia de respeitá-los" (A Acção Catholica Brasileira na Archidiocese do Rio de Janeiro", p. 8).

III. A terceira força politica em scena é a Acção Integralista.

Nasceu, póde-se dizer, da fallencia da Revolução de Outubro. Da frente commum que existia apenas para combater um adversario tambem commum, bifurcaram-se os seus elementos. Os moderados encaminharam a dictadura para a reconstitucionalização e hoje se distribuem entre Governo e Opposição. Os extremados se dividiram em dois grupos, da extrema direita e da extrema esquerda. Aquelle constitue hoje a Acção Integralista e este a Alliança Libertadora (1).

(1) Esta chronica foi escripta antes do seu fechamento pelo Governo, torno a lembrar.

O programma integralista é inspirado no mesmo espirito que levou o Fascismo a formar-se na Italia, o Hitlerismo na Allemanha, o Estado Novo em Portugal, a Accção Popular de Gil Robles na Espanha. Todos são movimentos de reacção contra a passagem logica e historica do liberalismo ao socialismo e deste ao communismo. A' marcha considerada "fatal", do socialismo revolucionário, oppõem todos esses movimentos — mesmo que adoptem o mesmo rotulo de "Revolução" e mesmo o de "socialismo", como na Allemanha — um espirito de reforma social dentro da defesa de instituições que o socialismo julga ephemeros e hostis e portanto condemna e destróe: a Igreja, a Nação, a Família. Na Allemanha, aproxima-se o movimento dos processos e principios socialistas revolucionarios, como na tendencia á absorpção, pelo Estado, do Syndicato Livre e da Escola Particular e mesmo da Igreja.

O Integralismo é um movimento de renovação, na politica brasileira, no espirito do seculo XX, no sentido nacional anti-regionalista e na opposição ao extremismo marxista dos grupos revolucionarios que se desilludiram da Revolução de 30 e desviaram-se para a esquerda ou para a direita.

Grande numero de catholicos ingressou nas fileiras integralistas, animados pelo programma do movimento, que de todos os partidos politicos não confessionaes é aquelle que mais se appróxima da doutrina social catholica e se empenha na defesa expressa das instituições que a Igreja invariavelmente defende como nucleares de toda sociedade sadia.

IV. A Accção Imperial Patrianovista ou Accção Monarchica Brasileira, é o nosso movimento monarchista. A idéa monarchica parecia de todo eliminada no Brasil depois da Republica. Os fieis ao regimen extincto se mostravam simples saudosistas, sem o menor proposito de restauração. A repercussão do movimento de Charles Maurras em França e de Antolho Sardinha, em Portugal, — operou em certos espiritos uma transformação radical no modo de encarar o regimen monarchico, que o empirismo dos primarios considerava summariamente como "superado", para sempre, na marcha fatal ao republicanismo e á democracia liberal. A marcha do socialismo e o movimento legitimista, na Europa, esclareceram certas consciencias dos novos, entre nós. Tal era, entretanto, a inexistencia de ambiente, que Jackson de Figueiredo pouco antes de morrer ainda escrevia ser "o ultimo monarchista brasileiro".

Foi, portanto, nos ultimos cinco ou seis annos, que o movimento "Patria Nova" tomou certo vulto. Fundado na idéa de tradição e pugnando pelo legitimismo, accentua ao mesmo tempo a sua conce-

ção corporativa da sociedade, como os mais modernos movimentos políticos e se confessa integralmente catholico.)

Movimento de pequenos grupos "intellectuaes", particularmente em S. Paulo, Rio e Recife, não alcançou ainda as massas populares nem as classes medias, não parecendo provavel que tão cedo cu jámais o possa fazer, em virtude mesmo da "pureza" de sua doutrina e da tendencia irresistivel, na America, e mesmo no mundo, a novos quadros politicos.)

VI. A Alliança Nacional Libertadora, emfim, é o mais recente dos nossos partidos. Apresenta-se não como um partido mas como uma "frente unica" de partidos e grupos da esquerda. E assim o é realmente. Enquanto perdurou, entre os communistas, a illusão de Lenin e sobretudo de Trotzky, de que a Revolução, uma vez proclamada na Russia, havia de alastrar-se rapida e immediatamente por todo o mundo — apresentou-se, em todos os paizes, inclusive entre nós, o Partido Communista com a sua face verdadeira, repellindo toda e qualquer aliança com elementos da esquerda moderada, que consideravam mais "inimigos" que a nós mesmos, que "ao menos eramos adversarios declarados". Lembro-me bem de uma entrevista que me pediu, em 1928 ou 29, o pintor communista Di Cavalcanti e em que commentando uma phrase minha, na conversa, de que nós não queriamos mais catholicos e sim catholicos mais conscientes, dizia-me: "Curioso. Ouvi o mesmo, ha dias, da bocca do Octavio Brandão em relação aos nossos companheiros do Partido". E todo o mundo sabe a censura que soffreu o sr. Luiz Carlos Prestes, na Russia, quando ha annos, tentou dar ao movimento communista no Brasil, certo aspecto "brasileiro".

Hoje, a tactica mudou. Deante da recusa de inscripção do "Partido Communista" no Tribunal Eleitoral e da fragorosa derrota do "Bloco Operario e Campones" nas eleições politicas, vê-se que os agentes sovieticos no Brasil, ás ordens dos orientadores do movimento revolucionario mundial, resolveram seguir uma orientação diversa. E proceder por partes, por etapas e por alianças. E' o que está fazendo a Alliança Nacional Libertadora que reune, em seu bloco, todos os esquerdistas, desde os mais romanticos e demagogos, como os srs. Nicanor do Nascimento ou Mauricio de Lacerda, até os marxistas mais evidentes como o Sr. Agildo Barata Ribeiro ou o Sr. Francisco Mangabeira.)

Os dirigentes da IIIª Internacional renderam-se ás razões do Sr. Luiz Carlos Prestes e mantendo embora as suas cellulas de "puros", servem-se da Alliança como uma mascara para avançar sem chocar

tanto o ambiente. O Sr. Hercolino Cascardo seria o Kerensky e o Sr. Prestes o Lenin da "Revolução Popular Brasileira", com a simples differença de serem compadres e não adversarios...

(A essa Alliança Libertadora, como já disse, vieram fillar-se todos aquelles que de 1922 a 1932 representaram a ala vermelha do "tentismo". E o seu programma se approxima muito do que no Mexico estão fazendo, ha vinte e poucos annos, os empreendedores da famosa "Revolução Nacional", que mergulhou o paiz num pesadelo de perseguições, crueldades, miseria e sangue.

VII. Els, em poucas palavras, o quadro politico do Brasil de hoje, tal como se apresenta aos olhos da Igreja. Como vae ella actuar nesse terreno?

A resposta nos é dada por esses estatutos da Accção Catholica Brasileira que acima citei.

Por mais que os nossos adversarios nos apresentem como allia-dos deste ou daquelle partido, como defensores do capitalismo ou da burguezia, como inimigos do proletariado ou como desvirtuadores da Revolução de 30, — somos e seremos sempre o que a Igreja sempre tem sido: o Christo Mystico entre os homens, trazendo a todos os regimens e instituições, trazendo a todas as almas, as palavras de justiça social e de salvação individual; pugnando pelos opprimidos; corrigindo os oppressores; condemnando os abusos e os erros; perseguindo o peccado; moralizando os costumes; aperfeicoando as instituições e... preparando as novas eras.

Dos estatutos da Accção Catholica Brasileira, que já agora representam a lei basica da actuação catholica na sociedade bem clara mente se vê qual a attitude da Igreja em face dos partidos e dos movimentos politicos da actualidade.

Tres principios basicos governam expressamente essa actuação.

- 1º — Exclusão da politica partidaria;
- 2º — Intervenção indirecta pela "applicação dos principios catholicos á vida politica";
- 3º — Intervenção directa "toda vez que as questões politicas envolvam interesses religiosos e moraes".

(Está, pois, expressamente vedada a formação de um "partido catholico", bem como a confusão ou a alliança com qualquer partido ou movimento politico de character partidario, como o determina o primeiro desses principios.

Pelos outros se esclarece que essa isenção da politica partidaria, não implica qualquer fórmula de desinteresse pela vida politica do

paiz. Pelo contrario, admittem-se duas fórmãs de intervenção, não apenas indirecta mas ainda directa.

(Indirecta, pela “applicação dos principios catholicos á vida politica”. E essa applicação se pôde fazer de duas maneiras:

ou formando a consciencia civica dos catholicos, de modo a participarem individualmente dos partidos ou da vida publica do paiz;

ou pugnando em favor das boas leis e medidas politicas ou contra as más, sempre no intuito de christianizar a vida publica ou impedir a sua deschristianização. Accção indirecta, dentro dos meios catholicos ou dentro dos meios politicos, sempre com a condição, quer de não constituir partido quer de não se confundir ou alliar com qualquer movimento politico de character restricto — eis o sentido desse segundo principio basico da accção catholica no campo politico.

Finalmente, a intervenção directa na vida politica, por meio da Liga Eleitoral Catholica, sempre “que as questões politicas envolvam interesses religiosos e moraes”.

Sendo a funcção da Igreja, na sociedade, de character moral e religioso, nada do que se refira a essa dupla actividade pôde ficar estranho á Igreja. E nesses casos, sua accção passa a ser immediata e directa, pois sua missão, na terra, é pugnar pela pureza da vida moral e religiosa de todos os povos. Pôde a Igreja soffrer decepções ou perseguições, pôde ver tolhida a sua liberdade por leis iniquas, nunca porém ha de renunciar á sua altissima missão na sociedade. Nesses casos, porém, devendo agir directamente, serve-se a Igreja brasileira, de um órgão especial, que é a Liga Eleitoral Catholica, cuja funcção é estrictamente limitada a problemas do mesmo character, não intervindo em nada mais.

A’ luz desses principios, já agora constitucionaes para todos os catholicos brasileiros, podemos ver claramente qual a attitude da Igreja em face dos actuaes partidos e movimentos politicos.

Os cinco, em que se resume a vida politica actual, assim se differenciam em relação aos principios catholicos:

1 — manifestação integral do catholicismo: **Accção Imperial Patrianovista;**

2 — defesa expressa e por doutrina de — **Deus, Patria e Familia** das reivindicações da Igreja na legislação do Estado, sem manifestação confessional: **Accção Integralista;**

3 — acceitação dessas reivindicações por que incorporadas a Constituição de 16 de Julho e da cooperação da Igreja, no terreno

social, menos por principio politico que pelo reconhecimento de um facto social evidente: **Governo e Opposição;**

4 — Hostilidade declarada, anti-clericalismo expresso e propositos occultos de perseguição: **Alliança Nacional Libertadora.**)

Em face desse quadro, qual a attitude da Igreja?

Vimos que a alliança ou a confusão com qualquer partido fica excluída por principio. Logo, o proprio movimento "patrianovista", que se confessa catholico, não goza de qualquer privilegio. E a Igreja não o reconhecerá, certamente, como representando o seu pensamento. Pois não se allia a qualquer partido mesmo catholico.)

O mesmo, por maioria de razões, se dá com os tres outros, todos sympathicos a ella, de momento, e compreendendo em suas fileiras optimos catholicos.)

Dos tres, é seguramente o Integralismo o unico que faz dessa cooperação com a Igreja e dessa acceitação dos principios, materia de programma. O Governo e a Opposição, não só porque não têm um programma certo, mas ainda por espirito de "liberalismo democratico", officialmente não fazem da cooperação com a Igreja, no terreno social, objecto de doutrina politica e apenas de methodo de acção. A approximação do Integralismo, portanto, é maior. E mais nitida ainda a sua actuação contraria aos adversarios declarados da Igreja e dos principios catholicos. Ao passo que o Governo só recentemente começou a agir contra o extremismo vermelho, embora o tenha feito com toda a coragem e energia que muito o elevam no conceito publico; ao passo que a Opposição colloca o seu opposicionismo acima do seu anti-extremismo, censurando pela palavra autorizada dos seus chefes as medidas "violentas" do governo, contra os propositos revolucionarios da A. N. L. . . .; — ao passo que isso se dá com os dois sectores "democratico-liberaes, de nossa vida publica", o Integralismo se joga abertamente contra a A. N. L. e contra toda infiltração communista.)

Tudo isso approxima, certamente, o programma e a actuação (ao menos por óra) dos partidarios do Sygma, dos principios catholicos que a Igreja, directa e indirectamente patrocina na vida publica.

E apoiados nisso, querem alguns integralistas exaltados ou melhor, alguns alliancistas introduzidos na Acção Integralista para intrigar esta com os catholicos — querem impôr aos catholicos a ex-

trada para o seu movimento. Nesse sentido, publicaram ha dias alguns jornaes de S. Paulo "Folha da Manhã" e "Diario de S. Paulo" de 9 de Junho) uma interpellação aos catholicos, sob o titulo "a urgente definição", em que patheticamente nos invectivam, dizendo que — "Deus vos pedirá contas da vossa attitude literata, commodista". Quizera crer que esse documento, ou fosse apocrypho ou fruto, como disse, de algum "espia" alliancista que se infiltrou no integralismo para intrigar. Mas bem sei que em certos elementos integralistas, o estado de espirito que domina é esse mesmo desconhecimento total da posição da Igreja em face dos movimentos politicos. E não voltarei ao assumpto, por já tel-o longamente explanado aqui mesmo.

Desejo apenas formular o voto de que os meios dirigentes e conscientes do integralismo não se deixem arrastar por alguns euer-gumenos ou espiões que os querem dividir para enfraquecer.

A posição da Igreja é a mesma, para com elles, pois deriva não de uma attitude mutavel e caprichosa, de maior ou menor sympathia pessoal pelo movimento ou seus dirigentes, mas de principios certos e universaes para ella.

Se o Integralismo tem por si um programma mais condizente com os "principios catholicos", tem o Governo, por seu lado, um argumento decisivo em face da Igreja — ser a autoridade constituida.

A sabedoria de Sto. Thomaz, no seu "De regimine principum" não hesitou em fazer sua, a sabedoria humilde da velha Syracusa. E' o que faz a Igreja, apoiada não apenas na sua experiencia, mas nas palayras dos proprios escriptos revelados, particularmente em S. Paulo e S. Pedro, no tocante ao respeito á Autoridade.

Acha-se, pois, a Igreja no Brasil de hoje, em faee de quatro movimentos ou partidos politicos, que óra acceitam totalmente os seus principios óra a elles não se oppõem. E em face de um grupo de forças que, confessadamente, a hostileza.

Que concluir dahi, tendo em vista os principios invocados? Que a Igreja, certamente, estará prompta a cooperar com qualquer desses quatro movimentos para o bem da comunidade brasileira. Que os catholicos podem individualmente, de accordo com as suas preferencias, ingressar em qualquer desses movimentos, sempre com o proposito, que nunca póde abandonar a consciencia catholica, — de introduzir os "principios catholicos", que são os da verdade e do bem commum, dentro do partido ou do movimento de que participar.

Que a frente unica do Bem deve ser articulada contra a frente unica do Mal, sem que envolva a Igreja na politica partidaria.

Que a Igreja, evidentemente, recusa tal direito, em relação a esse partido ou conjunto de correntes que expressamente hostilizam sua Hierarchia e pregam a Revolução Social, sob o nome de "Alliança Nacional Libertadora" ou outro que venha a tomar.

Mas que a Igreja, nesta hora de vida intensa e graves ameaças, não se limita a proclamar os seus principios. ou a permittir aos fieis o ingresso nos partidos não hostis. Vae além. E organiza oficialmente a Acção Catholica Brasileira, para vir ao terreno social, segundo os seus processos immemoriaes, trazer a sua participação decisiva, para impedir a re-paganização do mundo e ao confrario, preparar a Idade Nova.

Em cooperação com todos os partidos e movimentos que accetam os seus principios ou a sua força moral, em tudo o que nelles vir de commum com ella, e em participação directa dos seus fieis na moralização dos costumes e no progresso das instituições — encontra-se presente a Igreja, na arena em que se está travando a mais memoravel das batalhas sociaes, de nossa historia.

E a nossa preocupação, de filhos seus e seus soldados, deve ser collocar o serviço a Ella acima de todas as preferencias ou inclinações politicas pessoaes. Só assim podemos estar certos de bem servir á nossa terra e ás nossas consciencias.

JACKSON DE FIGUEIREDO, **iniciador duma espiritualidade nova**

FREI MANSUETO KOHNEN, O. F. M.

RESUMO DAS OITO CARTAS:

1. Perguntas e afirmações.
2. Synthese catholica. Xavier Marques. O nietzscheano. Frei Agostinho.
3. Ressaneamento proprio.
4. Homem "de marca". Ressaneamento dos outros. Imprensa. Catechista da elite. A ORDEM. C. D. V. Collecção Eduardo Prado.
5. Comunidade de sorte e vida da humanidade. Jackson e a amizade. Questão social (Farias Brito). Nacionalismo e Catholicismo.
6. Jackson e a moralidade na Arte, Literatura, Igreja.
7. Jackson e a A. C. A. A. U. C. Pascal.
8. Jackson e Alceu A. Lima. A obra. A morte.

12. 5. 34.

Meu querido amigo. Resolvi escrever-te, numas poucas linhas, algo sobre Jackson de Figueiredo, com o sub-titulo de "iniciador duma espiritualidade nova". Faço tal, primeiramente, para dissipar as nuvens por demais pessimistas, que estão obscurecendo a tua frente juvenil, no que respeita a nossa vida catholica brasileira; em segundo lugar, porque Jackson foi um desses soldados intrepidos, que encarava com franqueza as dificuldades de seu tempo — que são, em grande parte, tambem as de nosso tempo, — soldado que não fugia covardemente ás cruces da vida, mas que conhecia, ao menos indirectamente, a palayra de Agostinho: "Nos sumus tempora". E o mais admiravel é que Jackson, dahi, tirou as conclusões praticas,

tentando, ao menos, descortinar-nos perspectivas novas e fecundas, ou então esquecidas.

Hoje, amigo meu, quero fazer apenas umas perguntas e afirmações, afim de que penses, e conheças um pouco os pensamentos que te vou frizar.

Pergunto: será possível que excellentes iniciativas de apostolado verdadeiro e fecundo, vergonteadas da arvore santa da Acção Catholica, ainda passem quasi que despercebidas duma parte consideravel de compatriotas? Que passe quasi despercebida de nossos irmãos de fé esta iniciativa, o começo duma mentalidade nova, estimulada e fomentada por Jackson de F.? Será possível que todos aquelles, que se interessam pelo triumpho das causas nobres e sérias, não tenham percebido a mudança de tactica feita por Jackson, proclamando a offensiva e deixando a defensiva? Que elle, uma vez conhecido o valor dos principios da Igreja, ataca, irreconciliavelmente, tudo o que é contra Christo e sua Igreja? Que elle deixa o "ghetto", a defensiva, transpondo barreiras aparentemente invenciveis, para lutar pela unica causa que é de valor absoluto, por Christo? — E se alguém affirmar, que Jackson, de facto, passou despercebido duma maioria assustadora, eu não lhe contradirei.

E agora digo-te francamente as minhas affirmações. Acho eu, amigo, que muitos reprehendimentos, muitas obras do mais fino kilate espiritual e religioso, concernentes ás necessidades de maior urgencia de nossa vida moderna, não são conhecidas, não são, ao menos, bastantemente conhecidas de nós, tambem de nós religiosos. Com isto, deixamos de mão uma das armas mais efficazes para o ressaneamento dos nossos tempos. E isto, em parte, por nossa culpa, por não lhes dispensarmos, a esses reprehendimentos, a necessaria e devida attenção, por não lhes darmos o nosso publico testemunho da sympathia e justo applauso, auxiliando-os a romper o silencio pesadissimo, o desconhecimento deprimente que os cerca no ambito desenvolvido do meio catholico. Sim, dize-me, amigo, não estamos esquecendo sempre mais este Jackson, e, com elle, perdendo o conhecimento da nossa actual situação? Talvez que nem o simples nome hajás encontrado até mesmo em nossas folhas catholicas, não obstante, declaro com a recta intenção de minha alma, que não sei de tentativa mais creadora (hoje já é mais que simples tentativa!), duma nova era, do que a de Jackson.

Num tempo, em que no orbe todos se unem e concentram ás forças satanicas para a conquista das almas pelos jornaes e livros, radios e cinemas; em que, por principios irrationaes, immoraes e demoniacos, se abrem caminhos, se rasgam sulcos horriveis na alma immor

tal; num tempo, em que a sagacidade dos heroes das doutrinas anti-sociaes e antichristãs, por todos os lados, intensamente, semeia revolta e a rebellião dos espiritos, em preparação para o seu fim proximo: a revolta social, — num tempo assim, haver quem se opponha a esse trabalho infernal, que tudo envenena aos poucos, Estado e Igreja, cultura e religião, — haver quem se opponha, oh isto sim, isto eu chamo de tarefa santa e nobre, jornada de apostolo e lutador, missão divina e patriótica, reconheço, emfim, como — graça!

E o facto de ter Jackson de Figueiredo merecido esta graça, dado este exemplo verdadeiro e puro, lançado esta iniciativa meritoria, isto eu applaudo com entusiasmo.

Nas cartas seguintes tentarei provar-te, amigo critico, estas afirmações minhas, fundamentando-me, inteiramente, nos proprios livros de Jackson e numas poucas noticias colhidas sobre elle. Com paciencia segui os caminhos de Jackson, e com caridade para comprehender e assim, agora, defendel-o, porque sou da opinião: quem quizer comprehender uma nova doutrina, um homem, deve seguir-lhe com sentimentos de sympathia até o fundo, até á essencia, — e sómente quando tiver chegado a este ponto, e visto e comprehendido tudo o que ha de bom, só então é que poderá começar, si possível, a ter-lhe inimizade. Será uma inimizade justificada. Assim queremos, nós dois, seguir a Jackson, primeiramente com sentimentos amigaveis, para vermos se será possível, um dia, sermos seus justos inimigos.

Todavia, tempo e espaço não me permitem pesquisar tudo em analyse larguissima; antes é preciso, sempre, fazer uma synthese brevissima, até uma synthese synthetizada, percorrendo, por assim dizer, com passos ligeiros os pensamentos jacksoneanos. A's vezes só poderei dar e indicar as conclusões, os resultados dos seus pensamentos. Assim, é preciso que trabalhes e penses commigo, porque trabalhar e pensar, um pouco que seja, jámais fez mal a homem algum. E agora, passa bem! A missiva seguinte irá breve. —

14.5. — 34.

Querido amigo. — Comprehendo bem o teu desejo, manifestado no recado de hontem. Queres que eu te dê, primeiramente, umas notas ligeiras sobre a vida de Jackson. Já entendo.

Na revista franceza "La Vie Intellectuelle", faz Marcel Brion umas poucas annotações. Nasceu Jackson em Aracaju', capital do Sergipe, aos 9 de outubro de 1891. Era descendente de uma distinctissima familia portugueza. Fez os estudos de humanidades no Lyceu Sergipense e no Gymnasio Alagoano. Após os cursos de Direito

na Faculdade da Bahia, fez-se professor e funcionario no Ministerio da Agricultura. Afinal, consagrou-se principalmente ao jornalismo, á direcção do Centro Dom Vital e a sua revista, A ORDEM, até que com 37 annos de idade deixou este mundo, levado pelas ondas do Oceano a uma morte inesperada e prematura. Aqui tens apenas umas datas da jornada exterior de Jackson. (O:4).

Muito mais do que esta evolução exterior deve-nos interessar a evolução interior, espiritual do nosso "iniciador". As etapas da philosophia brasileira no seculo XIX e a evolução jacksoniana resume Alceu Amoroso Lima nos termos seguintes: "A intelligencia brasileira, no seculo XIX, partira de um espiritalismo eclectico, recebido de Victor Cousin. Passára depois ao naturalismo evolucionista de Tobias Barreto e Sylvio Romero, e ao positivismo metaphysico do inicio da Republica. E desse naturalismo se dividira em outras duas grandes correntes: o scepticismo agnostico, sob a influencia de Machado de Assis, aqui, e Anatole France e Eça de Queiroz, fóra daqui, e o espiritalismo relativista de Farias Brito e o symbolismo. Quando Jackson de Figueiredo começou a pensar, por volta de 1910, o pensamento brasileiro se distribuia pelas tres grandes correntes, o materialismo, o espiritalismo e o scepticismo. Pois bem, Jackson de Figueiredo ia ser o condensador dessas tres tendencias. De cada uma dellas viria qualquer coisa a seu pensamento. Mas repudiou todas as tres, ultrapassando-as todas por meio da *Synthese Catholica*". (O:4).

Assim foi. O joven poderoso e ávido colheu uteis experiencias de cada uma dessas etapas. Todas as mercadorias estrangeiras, elle as transmudou, afim de que lhe servissem de alimento espiritual e intellectual.

E' verdade que Jackson, ainda antes da volta definitiva á Igreja, lutava, irreconciliavelmente, por suas idéas de então. Elle fóra nietzscheano, em certo tempo, até o extremo, que não largava de maneira alguma de seus pensamentos, os quaes, a seu ver, eram os unicos certos e approvaveis. Neste moço ardia o fogo inaudito de um absolutismo. Sectario de Nietzsche, o propheta "afamado" do Anti-Christo, escreveu o ensaio "Xavier Marques" (F:1). Aqui vemos o espelho clarissimo de sua evolução; é o seu retrato daquelle tempo. As perguntas, que o atormentavam, eram: "Porque o homem não é simplesmente um animal? que é a consciencia? quem dicta-me o dever? porque sinto o mal? porque me arrependo? porque, impassivel, eterna, inexhoravel, se levanta nos horizontes da vida humana a visão de um julgador supremo, de um supremo juiz?" (pag. 10). Mas já naquelle tempo, em que elle lera quasi todos os ensaios de Carlyle — após um immenso bocejo sobre a obra de Comte —, elle lera aqui

tambem, como confessa no prefacio da 2ª edição, "aquelle hymno fervoroso e ardente, que se levanta do christianismo heroico de genio inglez", que "invadira o mais profundo de minha alma". (10). E mais adiante opina: "Eu tinha sede de justiça, e justiça bebe mais quem a faz do que quem a recebe". As paginas sobre Xavier Marques "são as filhas de uma febre de minha consciencia". (11).

Neste livrinho achamos contradicções e citações em demasia, porque "o rapazola de então queria mostrar que leu". Mas estes não são os erros peiores. Jackson mesmo disse, a respeito da primeira parte desse ensaio: "... o cumulo de idéas, sem o seu completo desdobramento.... o eccleticismo a que me forçava a duvida imperiosa, são os principaes, sendo que o ultimo é para mim o maior defeito do livro". E' admissivel esta franqueza com que Jackson, seis annos depois, criticava a sua propria obra.

Ao meu ver, a sua critica a respeito de nossa literatura é optimista, em relação com a literatura universal de nosso tempo (p. 16). E' um tanto exaggerado, quando Xavier Marques, especialmente, critica "o maior vicio de nossa literatura, que em parte esgotou em superficialismos, que attingiu o cumulo de enormidade e incomprehensibilidade" (19).

Já te disse amigo, que Jackson revogou, mais tarde, "a maior parte das idéas que fazem o primeiro capitulo deste ensaio" (22), idéas que se synthetizam em phrases como esta: "A amizade é a minha unica religião" (37), ou quando defende a mentalidade do "genial philosopho" de Sils Maria, "que aconselhava a dureza e santificou-a, porque ella só se fará na fornalha formidavel das maiores dores da terra!" (56). — Santificação autonoma é esta, e não santificação pela graça divina. E o seu credo á mentalidade nietzscheana conclue: "Divinizo os gestos daquelle, que foi mais forte do que a sociedade, os gestos do Dominador, do Homem-Aguia!" (60).

Ah! como gosto deste Jackson nietzscheano. Que sinceridade tambem nos caminhos errados, falsos! Sua convicção, elle a sabe defender, até o extremo. Oxalá nós catholicos aprendessemos deste radicalismo alguma coisa para as nossas causas!

Por fim, lembro-me de como, uma feita, Jackson, o impetuoso, em viagem da Bahia para Alagoas, encontrou-se com um velho franciscano, frei Agostinho Bren. Depois de algumas discussões sobre a fé e Deus, disse-lhe o velho franciscano: "Deus, em que V. não crê, ainda ha de tel-o um dia como defensor. Crer ou não crer, pouco importa; o que vale é ser sincero em face da vida, e isso V. o é". (N).

Sim, amigo meu, esta sinceridade era verdadeira e profunda, era

o dom privilegiado que a benignidade de Deus lhe dera. Aqui está um ponto muito desprezado em nossos dias, também de nós dois? — Até amanhã!

15.5. — 34.

Meu criterioso amigo. Notei já na primeira carta tua, que as minhas perguntas e affirmações do inicio te pareceram um tanto exaggeradas. E agora, na resposta á minha segunda carta, dizes que nella nada ha sobre o "iniciador", antes tão altamente por mim proclamado. E' verdade, talvez nem escrevi ali uma unica vez a palavra "iniciador"; todavia, entre as linhas, tu a podias ter encontrado. Outro erro notaste: a falta completa das idéas de Xavier Marques em sua relação a Jackson. — Tens razão! E não tens razão! porque era preciso conhecer primeiro, unicamente, a concepção geral do mundo, propria de Jackson na sua adolescencia. Só agora é que posso prosseguir, pois que o Jackson entusiasmado por Xavier Marques, já não é, em grande parte, o Jackson nietzscheano. Como é possível que um nietzscheano de aguas puras, que "diviniza os gestos do Dominador, do "Homem-Aguia", em cujos escriptos ha sempre "um tom de confissão", como é possível que elle fale sobre Xavier Marques, o artista perfeito, sobrio, delicado, arredo, sem ter passado por uma certa mudança? E' verdade que Xavier Marques é "aristocrata", que "dedicou-se todo á novella, ao romance, e por ultimo, á critica erudita e fidalga" (F:1), mas é difficil imaginar que X. Marques fosse um typo como o de Sils Maria, como o propheta, mais intrépido do anti-christo. Não, Jackson estudou Marques, porque notou que ahi se respirava um ar mais suave de atmospherá espirital. Jackson já era um sedento de espiritalidade. E começou a ser, em primeiro lugar, iniciador para consigo mesmo, a iniciativa mais importante e fecunda e primordial, que todos nós devemos fazer. Escreve Jackson: "Ao atheu que sou, qualquer religiosidade é das faces mais amadas do seu espirito" (37). Vê, o "atheu" anhele por "qualquer religiosidade". E este anhele será, no decorrer dos annos seguintes, uma luta religiosa, pungente e sempre mais forte.

O "Crepusculo interior" é o documento mais vivo desta mudança, é a prova mais eloquente de que Jackson pensava primeiramente no ressaneamento proprio, na "santificação" de si mesmo, antes de pensar no ressaneamento dos companheiros, dos compatriotas, do Brasil, da humanidade toda. Este livrinho de 1918, escripto nos primeiros dias de sua estadia no Rio, elle dedicou a Nestor Victor. E' a confissão do fulgor occulto de uma grande luta, interior, esta luta por que todos os homens de essencia e sérios, de qualquer modo, por

um tempo mais ou menos breve ou longo, devem passar. E' "o crepusculo de um dia diabolicamente poderoso". Outros adivinharam este "crepusculo", e "procuraram encaminhar na vida real o coração" (5).

No Norte deixou Garcia Rosa e X. Marques, no Rio acha Teophilo de Albuquerque, Farias Brito, que reagem contra o materialismo moderno, acha Tasso da Silveira, preparado por Nestor Victor, que aprendeu a "crucificar-se em tormentos sem fim e gloria puramente ideal" (63). E nesta atmospheria de homens direitos e ideaes, a alma de Jackson, ia aos poucos sarar e robustecer-se.

Os versos são "a photographia fidelissima da grande crise... desde os meus ultimos dias do Norte até o raiar do dia novo" (6). Elle mesmo conclue, plenamente convicto: "...o fim ha de ser Deus, por força, e o amor ha de brotar milagrosamente no coração" (8). — Lembras-te ainda, amigo, da palavra quasi prophetica do velho franciscano, de que te escrevi na ultima missiva? — O crepusculo são poesias simples, modestas e meigas, mas cheias de nostalgia e saudade, de obscuridade, desolação e escuridão, prenhes de luta, desanimo, paixão, revolta e perguntas, até que, enfim, em "Esperança maior" adivinha que:

"A jornada é cruel, mas na jornada
faz-se bondade a nossa desventura,
e encontramos em nós o fim da estrada" (56).

E mesmo depois já pode affirmar, na bella e mystica poesia "Fé":

"... ouvi a voz de Deus na altura:
— olha a teu lado a fé! — E a desventura
fez-se-me aspiração, e estou sereno" (69).

Amigo, não te lembras agora de personalidades que, em nossos dias, lutam assim como Jackson? Não foi esse tambem o caminho de nosso Sorge, morto em 1916, o protestante, o nietzscheano, mas depois o poeta catholico e mystico, que, com ardor juvenil, achou o seu lar na "Fé", em Deus, crente em Christo e na sua igreja? Não te lembras de Ball, morto em 1927, o catholico frouxo, nietzscheano, mas depois o pensador profundo, que passou vida cheia de magoas inauditas, fortificado pela "Fé" divina? Não te parece que estes homens dos nossos dias fundamentaram-se inteiramente na palavra paulina da "fé viva e séria"? Este principio unico e simples, que Newman reviveu, falando da realização intima, viva e constante da fé em Deus e em Christo, esta "Fé" que doravante vae vivificar e orientar, por uma dynamica interior, a vida dos nossos dias? — A affirmação e a prova é e será Jackson de Figueiredo. Baseado no fundamento primordial, na fé, na convicção de que Christo vive nelle

e elle em Christo, Jackson dará prova de uma iniciativa duma espi-ritualidade nova, começando por si mesmo. Queria a verdade: procurou-a com Nietzsche, que o enganou; procurou-a na philosophai dos systemas modernos em sua quasi totalidade, que o enriqueceram de... enganos; procurou-a em todo lugar, até curvar a sua cabeça ante a "synthese catholica", que tem por fundamento a fé! E que elle iniciou, primeiramente, a realizar esta fé viva em sua vida propria, esta foi a mais preciosa lição que jámais d'elle recebemos. — Amigo, será possível tirarmos consequencias praticas desta vida, que anhelou a realização da verdade, da Fé, em sua vida? Sim, podemos! Que seja para nós uma grata obrigação! —

18.5. — 34.

Amigo. Uma vez citou Jackson uma palayra de Julio Maria: "Lança os olhos á sociedade actual: que vedes? Ao lado de um certo numero de homens marcados, com bom ou máo character, um numero muito maior de homens que não têm marca. Nas relações civis, na politica, nas letras, por toda parte, homens que não têm "marca", e que, porque a não têm, com elles não se póde contar, nem para o bem, nem para o mal".

"Este ainda não é o maior inconveniente. O maior é conhecer o homem que não tem "marca", porque se amolda a todas as idéas, aceita todas as theorias, defende todos os principios. Como conhecê-lo, se elle não tem "marca"? Difficil, tão difficil, como conhecer numa Alfandega os volumes que nos são enviados, que nos pertencem, se elles não são marcados". — "Educação sem civismo, politica sem definição, literatura sem originalidade — que é tudo isto, se não o homem que não tem "marca"?..."

Jackson só accrescenta ainda: "E — quem o diria? — ainda aquelle padre ia mais longe. Era assim que elle rematava o seu pensamento: "Oh! viva o homem marcado, ainda que a marca seja do diabo! Sem conhecê-la, tinha eu vivido a repetir esta palayra. Ainda hoje a subscrevo" (F:7).

Depois de ter encontrado a verdade e concluido o seu ressaneamento proprio, só então é que elle se põe a caminho para a reforma e regeneração da sociedade. E' a tactica que já Herwig propõe e exige, para um trabalho sociologico que seja efficaz. E agora vamos percorrer esta tarefa, em synthese.

Já no fim do "Crepusculo Interior" Jackson doravante tráz no seu peito", qual Ahasvero divino, a "Nova Luz" (69), que vê "o fulgor divino" na dor, no amor, no desatino. Possuidor da "luz", já vae agora á procura dos "tristes companheiros" e supplica:

"Meus irmãos, que entre a névoa agora avisto,

oh meus irmãos, fugi da aspera luta,
vinde ao templo, adorae, filhos de Christo!" (64)

E ainda:

"Meus amigos, oh tristes companheiros,
... acordae, oh sonhadores!...
A nossa voz sómente a Deus responde!
Christo disse, que a estrada é Dolorosa;
vamos, é por aqui, que importa aonde?" (64)

Agora, amigo meu, talvez comprehendas a minha sympathia pelo Jackson nietzscheano! E' porque elle tinha "marca"! Como outrora propagou e defendeu a Nietzsche, agora corre e flutua sobre os seus labios a boa nova de Christo. Seu ardor, antes inflamado pelo ideal errado, agora, conhecido o erro, chameja, em santo radicalismo, pelo unico ideal: por Christo. Agora, depois de ter reformado a si mesmo, tenta restaurar tudo em Christo, conforme os principios da Igreja. Em breve, já percebe que "a estrada é Dolorosa"; pois elle é soldado sem armas sufficientes, sem munição, quasi que sem combatentes a seu lado.

Por isso começa com o brado: "Lembremo-nos de... nós!" (U) E prosegue: "O que na realidade precisamos é de uma imprensa verdadeiramente catholica, perfeitamente segura de seus fins, mas imprensa que tenha vida larga, imprensa diaria e combativa", que "não é o noticiario das nossas festas de Igreja, que poderá fazer-nos valer no terreno das competições sociaes, nesta hora tragica, em que os mestres do "laissez faire, laissez passer" se sentem vergastados pelo destino, mas aguçam os dentes da maldade e se preparam para uma luta terrivel com o bom senso dos homens, já acordados antes das desillusões do El-Dorado economico e do materialismo moral."

Já brada pela imprensa, "para combater as seitas que sorateiramente vão penetrando no nosso organismo social", — seitas que "já vêm perturbando, com audacia, a unidade do espirito que conquistamos desde o regimen colonial". Jackson quer forçosamente, a imprensa nacional. Por isso exige que nos lembremos de nós, porque "triste ainda assim que, nesta terra eminentemente catholica, se gabam protestantes de nossa generosidade, quando não sabemos ainda cumprir as nossas obrigações para conosco mesmos." (U)

Isto, amigo, se quizeres, poderás chamar de nota theoretica: lançar um grito pelos jornaes afóra, que vêm e vão diariamente, com character ephemero. De certo farás logo, como de costume, a pergunta pelo lado pratico: o que fez Jackson na pratica? Deixou tudo ao acaso? contentou-se em mostrar as defficiencias e "prompto" com tudo? — De modo algum!

Jackson é gerarchista, quer dizer, opina que a degradação e deformação da sociedade actual tem suas causas, em parte maxima, do lado dos intellectuaes, sendo que, aos poucos, se prepara para lançar raizes na humanidade toda. Sim, hoje sentimos sempre melhor que não foi tanto o povo que fez a revolução dos espiritos, mas antes provocaram a idéa as ideologias nefastas e insensatas que fizeram os intellectuaes, a elite e a "nata" da sociedade. O que fez o povo nada mais foi, vezes tantas, do que tirar as consequencias logicas e praticas das doutrinas desses "afamados"; pois o "espirito" subordina a si a "materia". Que ironia neste caso! Esta convicção: pela gerarchização do espirito desenfreado originou-se o maior mal, — convicção que é inteiramente tambem a minha — fez com que Jackson se tornasse o catechista da elite. E para realizar esta cathechização difficillima da elite, para levar a effeito uma verdadeira regeneração e reformação, e não degradação ou deformação, Jackson, convertido ao Catholicismo integral, vivendo entre gigantes e pygmeus do movimento cultural brasileiro, criou, por ora, uma revista, uma associação e — livros.

A revista A ORDEM, fundada em agosto de 1921, tinha no principio character mais ou menos politico-catholico. Passou por graves vicissitudes. O primeiro numero tinha apenas 16 paginas, exterior pauperrimo, mas conteudo profundo e consideravel. Encontram-se os primeiros e sempre fieis sequazes: Hamilton Nogueira, Perillo Gomes e Durval de Moraes. O programma já abre diante dos olhos do observador horizontes e conjuncturas contundentes. A revista apparecia, ora mensal, ora trimestralmente. Aos poucos, melhorava o aspecto, augmentavam-se os collaboradores, mas nunca houve a necessaria regularidade na publicação. (C)

De quem era a culpa? Talvez do escriptor incansavel, do polemista feroso, do arregimentador e editor afoito, o que, incontestavelmente, Jackson era? Jámais! Então, talvez porque choviam cartas com elogios de incitamento, mas sómente elogios, palavrórios, e porque não chovia o que era o mais necessario: o apoio financeiro, o interesse desinteressado e activo, a collaboração real que exige sacrificios, abandono á grande idéa, que um outro defensor não tinha senão o grande iniciador? Seria por isso? — Sim, acertaste, amigo! Era porque um diluvio de cartas elogiosas não dava um só vintem ao thesoureiro da novel revista. Mas, amigo, não se repetiu aqui o caso tragico de todas as grandes iniciativas? Oh! se se repetiu!

Contentou-se Jackson com isso, com ter fundado uma reviscta? Não fez mais para merecer o nome hõnroso de catechista da elite? Se assim fosse, não devera ser elle o nosso Jackson, que de facto não

pensava em adquirir honras senão esta: de ser verdadeiro filho da Igreja catholica e de sua Patria. Por isso organizou em maio de 1922 a associação do Centro Dom Vital (CDV). Era um grupo de intellectuaes catholicos, dos quaes elle era o chefe; não possuia séde propria. Compunha-se de 5 ou 6 membros, que se reuniam nos cafés, nas livrarias, na esquina, em qualquer lugar onde se encontrassem os collegas da "Companhia Vitalista". A finalidade, desde o principio, era esta: diffundir e irradiar os principios inabalaveis da Igreja entre a elite do Brasil. Reagia contra os preconceitos anticatholicos, contra o scepticismo duma philosophia falsa da vida. Tentou restaurar os laços, enfraquecidos ou rotos, entre o Catholicismo e a intellectualidade brasileira. Combateu os abusos da sociedade, pugnou pela rechristianização da familia, da escola, da fabrica, do quartel, do tribunal, emfim, do Estado todo.

Jackson lançou a semente para a obra ingente, que já produziu tantos e bemitos fructos. Nove entidades congeneres, em diversas cidades do Brasil, ajudam hoje a dilatar sempre mais as aspirações da organização, a que Jackson, ha 12 annos, deu a iniciativa. Sob a direcção vigorosissima do Dr. Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), o CDV aspira: — um Brasil mais brasileiro e mais fiel aos principios que historicamente o formaram; — um Estado moralizado; — uma escola harmoniosa: — uma economia sã; — libertação do laicismo; — a necessidade de curar a intelligencia brasileira da apostasia religiosa e reconcilia-la com a nação brasileira.

Mais ainda. Do CDV, esta "mater alma" de Jackson, formou-se, em nossos dias, a grandiosa Colligação Catholica Brasileira, que abrange as associações colligadas do CDV, da Acção Universitaria Catholica (AUC), da Confederação Nacional de Operarios Catholicos (CNOC), do Instituto Catholico de Estudos Superiores (ICES), da Confederação da Imprensa Catholica (CIC), da Associação de Bibliothecas Catholicas (ABC) — associações, hoje, geralmente bem organizadas e em parte em plena acção, com estatutos firmes, de bastante diffusão, relativamente, em nossa vida moderna.

Mais. Jackson começou a editar os celebres livros da Collecção Eduardo Prado, adquiriu a Livraria Catholica, cujas edições, geralmente, estão á altura da sciencia contemporãa; pois que figuram nesta collecção os mais abalizados autores do saber e do catholicismo, como Alceu A. Lima, Leonel Franca S. J., Jonathas Serrano, Peñillo Gomes, Durval de Moraes, etc. — Foi Jackson de Figueiredo iniciador de uma mentalidade nova? Que achas, meu amigo?

E estes combatentes asseguraram desde logo á sua bandeira de

luta a bênção da Igreja e do Episcopado Brasileiro. Da Cidade Eterna escreveu aos 12 de julho de 1922 o actual cardeal D. Sebastião Leme a Jackson:

“Meu caro Jackson, quero transmittir-lhe a grande e cordialissima bênção que o Santo Padre lhes concedeu. Estas linhas não se dirigem a V., mas sim aos socios do Centro Dom Vital, de que V. é o fundador e presidente. Sua Santidade acompanha com especial carinho a vida catholica do Brasil. Ora, o nosso “Centro”, tão novo ainda e tão cheio de serviços, não lhe podia ser desconhecido. Sua Santidade ama-o, pois, com affecto de pae e entusiasmo de chefe. Será preciso dizer a Jackson que em tão altos sentimentos do Papa tem elle lugar privilegiado? — Sebastião, A. C.” (O:5)

E em outra occasião, D. Leme affirmou: “O CDV é a maior affirmação da intelligencia christã em terras do Brasil...” E na hora presente, como o mostrou o primeiro Congresso Eucharistico Nacional da Bahia, a iniciativa jacksoniana tem a sympathia, e, aqui e lá, o apoio do Episcopado. E nós dois?... Demos ao menos o nosso apolo de interesse, apoiando, e apontando para Jackson e sua obra. — Pásse bem!

23.5. — 34.

Meu amigo. O desejo que tens, expresso na ultima carta, de ouvir alguma coisa sobre o programma da AUC, — porque achas que sentimos tanto a falta duma Universidade Catholica — quero satisfazer em outra missiva, por não pertencer, estrictamente, á iniciativa pessoal de Jackson. — Hoje quero apenas conversar um pouco contigo a respeito do problema de comunidade de sorte e vida, que, innegavelmente, de modo obscuro, une todos os povos e homens, a humanidade inteira. E’ o problema de “Lebens-und Schicksalsgemeinschaft” do mundo. E nós queremos considerar a questão, guiados por Jackson.

Lembras-te ainda de uma phrase de Jackson, que citei numa das cartas anteriores: “A amizade é minha unica religião”? — Era o nietzscheano de então que assim falava, e o Jackson catholico conservou, graças a Deus, algo desta mentalidade. Digo graças a Deus, porque trouxe para o Catholicismo uma boa disposição mental para comprehender e realizar a comunidade sobrenatural que a todos os catholicos nos une no Corpo Mystico de Christo. O livrinho “Húmilhados e Luminosos” (F:5) é um documento vivo da recordação grata e fiel de seus amigos de então. E’ uma consagração á memoria de Uriel Tavares, Pedro Kilkerry, Mello Leite e José de Magalhães. Jackson mesmo confessa que elle tem “a paixão das almas, maxime daquellas que

viu e vê passarem despercebidas da grande maioria dos homens". Mas não é nenhum humanismo ou positivismo o que o leva a estudar estes amigos, antes é o seu desejo "revelar quanto o seu fulgor reflectia de eternidade, isto é, da suprema luz creadora". Mais ainda. Jackson, com Tasso da Silveira, é de opinião que "a vida interior dos pensadores e artistas importa mais do que as obras que produzem." (8)

Amigo. Jackson não era um individualista agressivo, autodidata soberbo — talvez que o fosse na apparencia, — na realidade era mais sociavel do que pensas. Quasi não podia viver sem sociedade, por estar convencido de que todos nós estamos ligados, por laços interiores, uns aos outros. Era o amigo de mão forte e firme, o irmão-guia da obscuridade á luz, com nobre fervor fraternal (E). Porque estava convencido da união que une todas as classes e castas, num organismo perfeito, por isso muito se preocupou com a questão social, especialmente com as theorias de Farias Brito (F:3 e R). Farias Brito, "um christão que por muito tempo ignorou o seu próprio christianismo" (79), tornou-se, aos poucos, uma das cabeças mais bem orientadas do Brasil, em assumptos de questão social. Elle foi um "legitimo reaccionario contra o materialismo. Seu systema philosophico exerceu uma accção efficaz contra o materialismo e o positivismo, assim como o de Bergson revolucionou vigorosamente contra os preconceitos materialistas", escreve Hamilton Nogueira em "Freud e a Renovação da Psychologia". E o resultado dos estudos de Jackson, a respeito da questão social segundo Farias Brito, mostra que tres são as suas idéas positivas:

1ª "que a sociedade, desde o seculo XVI, soffre muito mais do que soffria antes (pela reformação); — 2ª que este momento de dor é devido á falta de convicção religiosa; — 3ª que a sociedade deve ser reformada em nome de um grande principio religioso..." (75)

Foi a "tentativa de uma revolução operaria," (6) que o levou a este estudo, como tambem a escrever "A Columna de Fogo (F:4), nos annos da revolução de 1924|5, em que o liberalismo tentou levantar a cabeça. Jackson, nesse tempo, confessou: "... combato o liberalismo porque estou convicto de que é a maior fonte de injustiça social, a origem principal de todas as tyrannias politicas que deshonram o mundo moderno e contemporaneo" (257). Em "A questão social na philosophia de Farias Brito opina que já em 1916 havia cidades que estão minadas de anarchismo, e que o "Rio recebe ordens daquella cidade cosmopolita (São Paulo) nas suas classes trabalhadoras" (8). Para o ressaneamento da situação actual, declarou-se concorde com Leão XIII; "A questão social deve ser resolvida religiosamente, em

nome duma grande idéa". Esta sentença Jackson a subscreveu inteiramente, e, com isso, está de accordo com os grandes sociologos catholicos Ketteler, Leão XIII, Pio XI, Herwig e Benson.

Mas a "synthese catholica" torna-se mais grandiosa ainda, quando Jackson fala das relações entre o Brasil e as outras nações e a Igreja. A amizade já lhe tinha dado o presentimento de uma communitate innegavel, de sorte e vida de homem para homem; o estudo da questão social deu-lhe a documentação de que até classes e castas não podem ser conduzidas separadamente, de modo que uma não necessite da outra, de modo hostile: e agora as reflexões sobre o Nacionalismo e a Igreja trazem-lhe plena certeza de que a humanidade toda é um organismo perfectissimo, com órgãos integraes, subordinados e coordenados um ao outro, cada qual de valor absoluto nas funcções que Deus lhe destinou. Desta convicção, elle formou a sua synthese, dizendo: "Na defesa interna: Nacionalismo, isto é, o brasileiro acima de tudo, o dono de sua terra, aquelle que manda. Nas relações com o mundo: o direito inspirado pelo espirito da Igreja, o espirito de christão."

Jackson, com justa razão, observa: "A tradição christã é que nos gerarchiza idéas e sentimentos, e nos mantém dentro do particularismo nacional, mas conserva ao nosso finalismo o seu caracter universal. Basta-nos proclamarmos sempre, e cada vez mais alto, a catholicidade de nosso espirito, o universalismo essencial de nossas tradições.

Assim: particularismo nacionalista, porque a igreja Catholica sempre animou e sustentou o espirito, o caracter das nacionalidades, reconhecendo como obra de Deus essa variedade.

Assim: universalismo cultural, porque acima das nacionalidades está o espirito da Igreja, que é a Unidade Suprema, a que todos os povos devem tender, finalidade de fé, finalidade extra-terrena, affirmacão sempre viva, de deveres para com Deus, para com o Deus Vivo, o Christo vivo, Redemptor de todos os homens. Assim: nada absolutamente de delimitações artificiaes, de exclusivismos pedantescos." (O:3)

Assim, amigo, clarificou Jackson de Figueiredo a Igreja como mensageira cultural, grave e impressionante, na convicção do povo brasileiro, e mais: a sua missão universal para todos os povos, convicção esta que encontraremos tambem em literatos contemporaneos da literatura universal, nas obras da norueguesa Sigrid Undset, do critico inglez Chesterton, das poetizas allemães Le Fort e von Stach, dos pensadores e poetas francezes Claudel, Mauriac, Rivière, emfim, do grande russo Solowjew. Sim, pelo mundo todo corre o anelo ardente de concentração e de força na Igreja, corre a nostalgia immensa de que a

força virá sómente do soffrimento e da cruz immensa que o nösso tempo tem que carregar, afim de que encontre o seu asylo, na Igréja de Christo. Nós vemos hoje, mais claramente, como o desejo de realizar esta communitade de sorte e vida está percorrendo o mundo, seja embora com mascaras politicas, economicas, söciaes ou até religiosas.

Amigo, não queremos cooperar para que se arranque esta mascara, e surja o semblante divino, a semelhança divinã, que Deus, no principio, estampou na fronte da humanidade? — Queremos aproveitar tambem esta iniciativa do iniciador? —

25.5. — 34.

Meu amigo. Duas ou tres cartas ainda quero escrever-te: mais não. Por que? Talvez por falta de assumpto? De modo algum. Na minha estante repousam ainda varios trabalhos de Jackson, e muitos ainda sobre elle, como os de Hamilton Nogueira (N) e Perillo Gomes (G), livros que o mostram como doutrinario politico e catholico; ou as bellissimas e bem acertadas observações que fizeram A. Vianna (V), J. Serrano (S), e, especialmente, Alceu A. Lima (A), que confessou numa conferencia feita em março de 1934: "Jackson me deu o que de mais precioso possuo: a fé". — Vê, amigo, assumpto não falta. Mas porque penso que poderás sufficientemente convencer dessas iniciativas novas duma espiritualidade nova criada por Jackson, é por isso que deixo de te escrever. E á observação de tua ultima carta, em que desejas a critica das coisas menos perfectas, das faltas e dos erros em Jackson e sua obra, não quero attender. Pois, de que adiantaria isto? Se as quizeres conhecer, lê o que diz o sr. Agrippino Grieco (E), o qual sabe enumerar umas tantas. E' claro que houve e ha homens maiores, mais scientificos e philosophicos, ninguem o nega! E, apesar de tudo, não ha homem em tudo perfeito. Mas que adianta, com methodo embaraçado e criterioso, procurar erros e defficiencias, ao se tratar do iniciador Jackson de Figueiredo? Jackson, ao meu ver, é um facto singular, uma originalidade, e quem quizer lhe tirar a copia, sem advertir ás obras menos perfectas, já commette um formidavel erro. O principal, para mim, é o facto de que ha vida em Jackson e por Jackson. Que ha vida!

Que Jackson queria vida, a vida sã, vigorosa e santa, que queria, depois da propria transformação transformar tambem os outros, e principalmente, os intellectuaes desta sua vontade firme e ardente — temos provas sobejas. Isto motivou a "Literatura Reaccionaria" (F:7), colleção de artigos do jornal, que "procura proteger por mais algum tempo esse documento de reacção que no Brasil tambem se vae fazen-

do contra o immoralismo esthético" (4), reacção esta que elle procurou exercer com e sem o applauso de seus compatriotas, sobre a Arte, que "para ser realmente Arte, tem que ser moral, tem que ser catholica". O livro contem trabalhos sobre Leonel Franca, S. J., A. Viate, Henri Massis, Julio Maria, etc.; respostas mais ou menos apaixonadas a Ronald de Carvalho, Alceu A. Lima (então, o velho Tristão de Athayde) e alguns estudos sobre questões literarias.

Tambem em outros ensaios Jackson se occupa com a moralidade, com a vida sã e vigorosa a respeito da vida e literatura nacionaes. Em certo lugar, encontramos uns topicos bastante optimistas neste ponto, ao menos, quanto á literatura patria (O:2). Jackson sentença, p. ex., que o romantismo brasileiro não tem a nota lamentavel de degradação, como, vezes tantas, na literatura européa. No Brasil elle attingira a sua phase culminante com Castro Alves e José de Alencar. Castro Alves incarnava o movimento da emancipação literaria, iniciado já pelos primeiros romances, mas mais concentrado e realizado por Alencar, que o cruzamento das tres raças amoldára. Exponentes dessa alma nova são Gonçalves Dias, Castro Alves e José de Alencar. Elles são os mais lidimos e gloriosos conquistadores na independencia intellectual, que augmentaram o sentimento nacional, que elevaram os scenarios moraes por sua poesia, que consolidaram as tradições nobres e fortes e sublimaram o gráo de espiritualidade de tal modo, que Jackson affirma: "Uma especie de bom senso nacional parece velar pelas nossas letras". E por fim elle raciocina: "Tudo me leva a crer, que o Brasil, alicerçado na fé dos sublimes apostolos que aqui plantaram aquella arvore bemdita da cruz, e que deram á nacionalidade o seu character definitivo, tudo me leva a crer... que o Brasil ha de ser, já é o terreno proprio ao florescimento em seiva nova de alguns dos principios divinos do Christianismo, na pratica social, guardados isentos de todo erro, pela Santa Igreja Catholica Romana".

Eis, amigo, um effeito do Romantismo brasileiro, effeito bem outro que o do velho continente, em que causou, vezes tantas, em sua quasi totalidade, uma desordem moral, pouco valor literario, social e nacional.

E o que de mais admiravel houve em Jackson foi a convicção de que estes valores grandiosos profluíram, na sua maior parte, da Igreja Universal. Que Jackson estava convicto, sempre, desta verdade, disto temos a prova, mas singela e genuina, nas suas "Affirmações" (F:8), talvez o seu melhor e mais notavel livro, fóra o de Pascal. Jackson mesmo indica o fim de suas "Affirmações", que quer mostrar primeiro "que tudo quanto ha de affirmativo, de verdadeiramente vivo

na civilização occidental, consciente ou não, se liga ao espirito da philosophia tradicional, é obra, é criação da Igreja Catholica, do espirito catholico, o espirito affirmativo por excellencia" (7). O segundo fim está contido nas palavras de Sertillanges, — deste espirito tão "amargo", tão desilludido, artista tão ironico e cruel, sensual e sceptico, — dizendo que "a Igreja utiliza todas as doutrinas, todas as tendencias, todos os valores assimillaveis á sua vida, mas como alimento o que, uma vez assimilado, fica realmente assimilado, isto é, perde a autonomia e sujeita-sê de novo á lei vital..." (7).

Os 12 ensaios que Jackson nos apresenta, dos quaes o melhor me parece o de "Um Newman Russo" (sic. Solowjew, pag. 253ss.), com a confissão do expoente da orthodòxia russa: "E' a Igreja de Roma e não a Igreja Latina que é a Mater et Magistra omnium Ecclesiarum" (p. 259), em cujos braços teve a felicidade de morrer (1900), — estes ensaios de Jackson podiam servir como elementos, se não doutrinarios, ao menos, vividos e arrastadores duma apologia da Igreja, "que aliás é o unico merito de tudo quanto tenho escripto, merito que não é meu, mas do espirito mesmo da Igreja" (19). — Assim, Jackson com plena humildade recebe da Igreja, de Christo, e consagra o recebido com sua intelligencia, com seus talentos, sua caridade fervorosa, com suas forças todas, consagra-o á Igreja, antes de restituir a Deus.

Póde haver apologia mais efficaz do que esta, amigo meu? Não constitue o abandono de Jackson á Igreja a apologia vigorosissima contra estas divergencias que agitam, hoje, tantos e tantos espiritos, que falam das relações entre comunidade e personalidade na Igreja? Que fazem perguntas intransigentes como esta: podemos supportar no terreno interior e pessoal, que é a religião, podemos supportar ditaduras, codices e leis, que querem "conduzir em andadeiras" os nossos pensamentos, a nossa vida mais individual, como o faz a Igreja? Não temos nós mesmos, queiramos ou não, a responsabilidade derradeira do bem-estar de nossa alma? Para que serve lá uma instituição aristocratica e mecanica da Curiá Romana com o aparelho embaraçado como o vemos? — Que o abandono de Jackson á Igreja lhes responda!

Mais. Não é a vida transformada de Jackson a melhor apologia da Igreja contra todos aquelles, que propagam uma mentalidade liberal, em nossos dias, que prostituem o corpo da Igreja, e proclamam e realizam cada vez mais uma autonomia desenfreada e demoniaca, que negam a autoridade de Christo e se batem pelo liberalismo da bolchevização, negação e traição? Que a vida de Jackson reconci-

lie a estes "sem autoridade" e estes "livres"! Que lhes mostre mais a Ecclesia caritatis do que a Ecclesia juris! —

E para nós dois seja Jackson tambem guia, afim de que sejamos, sempre mais, apologistas afoitos da Igreja, por uma vida pratica.

(Conclue no proximo numero)

J U D A S

OCTAVIO DE FARIA

“Disse-lhe Jesus: Não vos escolhi em numero de doze? No entanto um de vós é o demonio.

Falava de Judas Iscariotes, filho de Simão, porque era elle que o havia de entregar, apesar de ser um dos doze.”

(S. João, 6, LXXI: LXXII)

“Respondeu Jesus: E’ aquelle a quem eu der o pão molhado. E tendo molhado o pão, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes.

E atraz do pedaço de pão entrou nelle Satanaz. E Jesus lhe disse: O que fazes, faze-o depressa.

Nenhum porém dos que estavam á mesa percebeu a que proposito elle lhe dizia isto.”

(S. João, 13, XXVI — XXVIII).

PERSONAGENS

Judas Iscariotes

Simão Iscariotes, pae de Judas

Sara, mãe de Judas

Caifáz, summo sacerdote de Israel

Sacerdotes e anciãos do povo

Tragedia em 5 scenas, passada em Jerusalem.

SCENA I

(A scena representa a casa de Simão Iscariotes, em Jerusalem, á noite. E' uma sala humilde, mas espaçosa, dividida em duas partes por uma separação de madeira. Na frente a sala, de onde se tem acceso, por uma porta, ao quarto de dormir. Através da porta, sempre aberta, veem-se camas no quarto. Ao levantar do panno Simão, pae de Judas, está em scena, sentado a um canto, absorvido pelo concertò de umas ferramentas velhas. E' um velho já curvado pelos annos mas de cabellos apenas grizalhos. Quando Judas entra em scena, segundos depois de levantar do panno, trazendo na mão um pequeno sacco, Simão nem siquer o nota. Continua trabalhando, completamente absorvido.)

Judas (parando na porta, a expressão visivelmente transtornada por algum soffrimento intenso)

Pae...

(hesita em continuar — deixa por fim cair os braços ao longo do corpo)

Simão (sem se virar, mas attendendo ao chamado,
Entre, filho...

Judas (sem se mexer, sem ter ouvido o que Simão disse, o olhar perdido longe)

Pae, eu o entreguei...

(pausa de alguns instantes)

Simão (continuando a trabalhar, sem perceber o estado de Judas)
E recebeste o combinado?

Judas (com desprezo, sacudindo a bolsa)

Trinta dinheiros...

Simão (comprehendendo subitamente que ha alguma coisa, larga o trabalho e volta-se para Judas. Não pôde reprimir a manifestação de espanto deante da physionômia transtornada com que depara)

Que tens, filho? Que te fizeram?...

(pausa longa — Simão fita ansiosamente Judas)

Judas (de cabeça baixa, balbuciando quasi)

Eu o entreguei...

Simão (surpreso com o tom, sacudindo levemente os hombros)

Não tinhas decidido tudo? Não foste ter com elles para isso,

Judas (sem ouvir nada do que Simão disse, continuando a falar sómente para si)

Eu o entreguei, eu...

(subitamente se exaltando)

Com um beijo, com um beijo apenas... Era o signal combinado: aquelle a quem eu beijasse, aquelle seria o Mestre... Por que esse signal? Por que?...

(pausa — Simão não ousa interrompê-lo — Judas abandona a direcção em que ia se lançando)

Era o signal combinado. E elles me viram beijar o Mestre e o prenderam logo.

Simão

E o que foi feito d'elle?

Judas

Levaram-no...

Simão

Preso?

Judas

Preso, para ser julgado...

Simão

E o que fizeram os discipulos desse homem? Não procuraram te fazer mal?

Judas (com desanimo)

O Mestre nem permittiu que o defendessem...

(pausa — fundamente acabrunhado)

O Mestre foi levado para ser julgado pelos principes dos sacerdotes e os discipulos fugiram...

(pausa — com desprezo)

E a mim me pagaram ali mesmo o que me tinham promettido... e eu tambem fugi, com elles...

(pausa — sem prestar grande attenção ás ultimas palavras de Judas, Simão levanta-se e vae até á porta. Tira de uma das mãos de Judas o sacco de moedas e dirige-se para a mesa do centro da sala. Judas acompanha-o sem dizer palavra)

Simão (sacudindo as moedas)

Trinta moedas de prata! E' bastante, filho...

Judas (com repugnancia)

Trinta moedas de prata...

Simão (ainda surpreso, provavelmente não tendo previsto uma repugnancia tão violenta)

Que tens?

(pausa longa)

O que fizeste, não o fizeste por livre vontade?

(pausa — Judas o olha longamente, irritado, e por fim abaixa o olhar. Simão prosegue com segurança)

Não penses mais nisso, agora que está feito. Não o entregaste já?

(com convicção)

Esse falso propheta merece o castigo. Que tua mãe não me ouça, mas tal é o meu verdadeiro pensamento.

Judas (lembrando-se subitamente)

Minha mãe? Onde está ella?

Simão (sacudindo os hombros, em signal de impotencia)

A' tua procura...

Judas

A essa hora, pae?...

Simão (sacudindo novamente os hombros)

Desde que te viu sair, Sara não soceguou mais.

Judas

Saberia de alguma coisa?...

Simão

Não, mas seguramente presentia qualquer coisa... Debalde quiz detel-a. Não me deu ouvidos.

(pausa — sorrindo)

Imaginou que podias estar correndo perigo, perseguido pelos inimigos do teu Mestre

Judas (angustiado)

Eu?...

Simão (continuando, sem responder á pergunta)

E' melhor que te vás daqui por esta noite antes que Sara volte e perceba o que houve...

(pausa longa — hesitante)

Numa taverna, com o dinheiro que recebeste, poderás beber bom vinho a noite toda.

Judas (com grande e indifereçavel surpresa)

Esta noite, pae?

Simão (com força)

Que tem? O vinho fará passar as horas e não perceberás quando o novo dia vier. E com elle virá o esquecimento.

Judas

O esquecimento?...

Simão (com segurança)

Amanhã não te lembrarás de mais nada.

(pausa — com maior convicção ainda)

Tudo se esquece, filho... Tudo... Nada fica no coração do homem por muito tempo.

(pausa)

Nem o remorso, nem o sofrimento, nada...

Judas (sacudindo a cabeça, sem ouvir as ultimas palavras de Simão)

Não posso, pae... Não posso.

Simão

Tenta ao menos... Uma noite apenas, para ver.

Judas (interrompendo-o com força)

Não posso, pae. Esse dinheiro pesa de mais...

(pausa — com angustia)

Não sei o que é, pae, não posso esquecer nem um minuto o que fiz...

Simão (sem vacillar)

Loucura, filho...

Judas (continuando sem ouvir)

Nem um minuto. E o coração se me aperta, cada vez mais...

(pausa — depois de uma hesitação)

E a face do Mestre, a face beijada por mim, não me são mais dos olhos...

Simão (autoritario)

Bane essas visões dos teus olhos...

(pausa — cathegorico)

Bane logo, filho, ou nunca mais terás paz...

(pausa — apoiando mais ainda)

Nunca mais, ouviste?

Judas (ansioso)

Nunca mais terei paz? Eu?...

Simão (com segurança)

Se não procurares esquecer essas loucuras, nunca mais. Eu sei como são todas essas coisas.

(pausa — já com menos firmeza no tom)

Esquece o que fizeste e pensa apenas no que recebeste... Trinta dinheiros fazem esquecer muitas tristezas...

Judas (com um sobresalto)

Muitas?... Todas, pae?...

(pausa — Simão confirma com a cabeça o que disse. Judas prosegue sem piedade)

E uma traição também, pae?

Simão (sem disfarçar a surpresa)

Uma traição?...

(pausa — com todos os signaes de uma viva preocupação)

Não te compreendo mais, filho... Estás realmente tão arrepen-
dido assim do que fizeste?

(como Judas não responde, Simão aproxima-se d'elle e põe-lhe a
mão no hombro)

Mas agora é tarde para isso, filho...

Judas (sem aceitar)

Tarde?...

Simão (proseguindo sem attender)

Para te arrependeres desse modo, é tarde... Agora o que te resta
a fazer é aproveitar a paga que te deram.

Judas (sem ouvir nada)

Por que é tarde?

Simão (indeciso)

E' tarde... Já o entregaste. O que podes fazer agora?

(pausa — com convicção)

Deixa que o condemnem e não terás mais o que recear. Terás li-
vrado Jerusalem de mais um falso propheta...

(pensa — com serenidade)

Tu mesmo o disseste: se esse Jesus fosse realmente o filho de
Deus, como elle se diz, teria posto a corôa sobre a sua cabeça e rei-
nado sobre Israel.

(pausa — falando para si proprio, com visivel amargura) Que
poderia Roma contra o filho de Deus?... Mas esse impostor nada
podia e por isso nada ouseu...

(pausa — a Judas)

Fizeste bem entregando-o...

Judas (irritado desde que Simão começou a falar de Jesus, não
se contem mais)

Pae, eu não o entreguei por isso...

Simão

Eu sei... Mas esse impostor não merecia a tua dedicação. Tua
mãe é louca de acreditar nelle. Tu acertaste abandonando-o...

(pausa — com convicção)

E não te tratava como merecias...

Judas (irritando-se cada vez mais)

Eu não o entreguei por isso...

Simão (indeciso)

Não importa, fizeste bem... Seja pelo que for, fizeste bem...

(diante da crescente irritação de Judas)

Mas, por que o entregaste, então?

Judas (machinalmente)

Por que o entreguei eu?

(indeciso entre explicar e calar. Judas tem movimentos de descontrolo e, desnorteado, tira a mão de Simão do seu hombro, num gesto violento e se dirige para a porta, deixando o sacco das moedas em cima da mesa)

Simão (surpreso com a saída de Judas, segurando o sacco de moedas)

Filho, esqueceste...

(Judas volta subitamente, apanha o dinheiro sem dizer uma só palavra e sae da scena. Simão segue-o com os olhos, sem concluir a phrase)

Simão (voltando ao trabalho)

Segue o meu conselho e verás. Não ha nada que o vinho não faça esquecer... Com dois copos desaparecerão da tua cabeça todas essas idéas loucas... Com dois copos de vinho qualquer idéa ruim desaparece da cabeça do homem...

(cáe o panno).

(Momentos depois ergue-se o panno, mostrando a mesma scena. E' de manhã agora, muito cedo. Estão em scena Simão, trabalhando, e sua mulher, Sara, a um canto, caída sobre um banco, em grande desanimo)

Sara (enxugando os olhos)

Pobre de meu filho! Onde estará elle, onde?...

Simão (tranquillamente)

Descansa, mulher... Alguma taverna o abrigou desde a caída da noite. Vencido pelo somno ou pelo vinho deitou em algum canto e adormeceu.

Sara (os olhos razos dagua)

Não ha somno para quem está soffrendo como o meu filho.

Simão (menos tranquillo)

Não te importês. Judas é moço, não se anniquilará por tão pouco. Amanhã recuperará o que acaso tenha perdido essa noite.

Sara (cathgorica)

Elle não esquecerá nunca... Nessa noite, de tanto soffrer, deve ter envelhecido...

Simão (sorrindo, incredulo)

Tu não conheces nosso filho...

Sara

Mas Simão, elles vão condemnar a Jesus... E Judas...

Simão (interrompendo-a)

E o que tem isso?... Judas não póde fazer mais nada agora.

Sara (sem ouvil-o, os olhos cheios de lagrimas)

Elles prenderam a Jesus, blasphemaram seu nome, cuspiram-lhe na face...

(pausa — com horror)

E foi meu filho... e foi meu ventre...

Simão (interrompendo-a com força querendo deter a crise de desespero que presentia)

Que importa tudo isso, mulher...

Sara (sem raciocinar, repetindo machinalmente emquanto continua a seguir o seu pensamento, os olhos cheios de lagrimas)

Que importa tudo isso?...

(cáe o panno).

SCENA II

(No templo de Jerusalem, pela manhã. Os principes dos sacerdotes, e os anciãos do povo, depois de terem mandado Jesus, condemnado, a Pilatos, estão reunidos em grande numero para tomar as ultimas decisões antes de comparecerem diante do procurador romano. A' volta de uma mesa, sentados todos, varios principes dos sacerdotes, presididos por Caifáz, pontifice supremo. Discussão, grande vozerio, não se chegando a accordo algum. Entra um servo de Caifáz.)

O servo (a Caifáz)

Um homem que se diz chamar Judas Iscariotes pede para vos falar sem demora.

Caifáz (aos sacerdotes)

Judas Iscariotes? Que nos quererá ainda elle?

(ao servo)

Faze-o entrar, já que está ahí.

(o servo sáe)

Um sacerdote (a Caifáz)

Talvez não lhe tenha bastado o preço recebido... Não foi muito, na verdade...

Caifaz (tranquillamente)

Não foi o combinado?

(Entra Judas, completamente desfeito por uma noite de desespero, o olhar cavado por uma terrivel vigilia, o cabelo revoltado, com todos os signaes do mais total desespero)

Judas (avancando e depositando deante de Caifáz o sacco com as trinta moedas de prata)

Ahi está a paga que me destes. Guardae-a.

(Surpresa geral dos sacerdotes)

Um ancião (a Judas)

Não queres mais o dinheiro que recebeste?

Judas (sem ouvil-o, de cabeça baixa, a Caifáz)

Pequei entregando o sangue innocente.

(vozes confusas, murmurios dos sacerdotes)

Um sacerdote

A nós, que se nos dá?...

Outro sacerdote

E' tarde agora, Judas.

Outro sacerdote

Devias ter pensado nisso antes...

Um ancião

Não pensaste hontem á noite no que estavas fazendo?

Um sacerdote (persuasivo)

Que poderemos fazer com este dinheiro? Esmolas? O preço do sangue não pôde ser deitado na arca das esmolas. Leva-o contigo...

Um ancião (com desprezo)

Guarda o que conseguiste entregando o teu mestre...

(murmurio de todos os sacerdotes e anciãos. Judas nem siquer parece ouvil-os. Caifáz o olha todo o tempo).

Judas (segurando um momento o sacco de moedas e atirando-o sobre a mesa com violencia).

Pequei entregando o sangue innocente...

(todos ficam a olhal-o como se não comprehendessem, enquanto Judas sáe precipitadamente, a cabeça baixa, o corpo curvado, mais vencido ainda do que quando entrou, como alguém que tivesse sido julgado e condemnado pela humanidade inteira. O panno cáe sobre os murmurios dos sacerdotes).

SCENA III

(De novo a casa de Simão Iscariotes, alguns momentos depois. Ao levantar do panno Judas está em scena, sentado num banco, a cabeça entre as mãos, visivelmente deésperado de soffrimento. As palavras que pronuncia ecoam como uma especie de choro sem que se ouça nada distinctamente. Quando muito, de quando em quando, dis-

tinguem-se palavras como "maldição" e "miseria". De repente a porta se abre e entra Simão. Num sobresalto Judas se ergue. Face transformada, assustadoramente tragica).

Judas (agressivamente)

Que me queres?

Simão (sem manifestar o menor espanto)

Vim para te informar do que succedeu.

Judas (surpreso)

Do que succedeu?

Simão

Pilatos condemnou o Nazareno.

Judas

Como o soubeste?

Simão

Assisti a tudo...

(pausa longa)

Tua mãe anda á tua procura pelas ruas...

Judas (sem ouvil-o)

Pilatos condemnou-o?

Simão

Entregou-o aos que o queriam crucificar.

Judas (recuando de horror)

Entregou-o?...

(pausa — com desprezo)

De um romano como Pilatos nenhuma miseria é impossivel...

Simão (depois de um momento de surpresa e incompreensão)

Não o queria entregar... Resistiu por muito tempo. Mas ao fim cedeu diante dos discursos dos sacerdotes e dos gritos do povo.

Judas (o olhar brilhante de indignação)

Do povo?

Simão

Muitos eram os que gritavam pedindo a morte do teu mestre...

(sorrindo com malicia)

Os principes dos sacerdotes e os anciãos do povo estavam entre elles e todas as bolsas que traziam estavam vazias...

(sobresalto de Judas — Simão, sentindo a involuntaria allusão das suas palavras, cala-se subitamente, consternado)

Judas (com horror)

Elles compraram todos... até um dos discipulos do Mestre elles compraram.

(movimento de protesto de Simão)

— Trinta dinheiros pelo teu Mestre, disseram... E elle o vendeu, o maldito...

(novo protesto de Simão — movimento de irritação de Judas)

Que queres que eu diga? Acaso não sabes o que eu fiz?...

Simão (hesitante)

Já não devolveste os trinta dinheiros?

Judas (com força, cheio de irritação)

Mas quando lhe devolverei o demonio?...

Simão (sem comprehender)

O demonio?...

Judas (sem responder)

Quando e como? Será possível que alguém o acceite?

Simão (repetindo a pergunta)

O demonio?

Judas (irritado)

Não sabes de tudo?

(movimento negativo de Simão — irritação crescente de Judas)

Não sabes? Ainda não sabes que o Mestre disse, hontem mesmo?

(pausa — diante da impassibilidade de Simão, Judas prosegue, excitado)

Hontem mesmo, durante a ceia, elle disse: um de vós é o demonio...

Simão (sem comprehender)

“Um de vós”?

Judas

Um de nós, um dos doze... E esse um era eu. Era de mim que falava.

(pausa — com horror)

O demonio em mim?...

Simão

Loucura, filho... por que acreditas nisso?

Judas (irritado)

O Mestre sabia o que dizia, pae. Quando me deu a comer o pão molhado de que todos estavam comendo, em mim falaram forças mais fortes do que tudo.

(pausa — com horror)

Que podia eu contra ellas?... Podia eu resistir quando ellas falavam em mim mais alto que mim mesmo?...

Simão (sem comprehender nada absolutamente do que Judas está dizendo)

Porque o entregaste?

Judas (exasperado com a incompreensão)

Por que o entreguei? Por que?... Vozes imperiosas me mandaram entregar o Mestre. Vozes estranhas, pae, vozes sinistras...

(parando subitamente a phrase, continua com raiva)

Póde alguém saber porque faz dessas coisas? Póde alguém saber porque nesses momentos não obedece a si mesmo, mas a vozes desconhecidas, terríveis? Póde alguém saber porque tráe quando mais ama, por que entrega o que vale mais que a propria vida?

Simão (surpreso diante da confissão)

Quem é esse de que falas — o Nazareno, teu Mestre?

Judas (com força)

Quem querias que fosse, senão aquelle que eu entreguei?...

Simão (ingenuamente)

Tu o amavas realmente?

(pausa longa)

Judas (sem responder á pergunta, o olhar perdido ao longe) A face beijada está sempre diante dos meus olhos... Está sangrando, e soffrendo por minha culpa...

Simão (autoritario)

Esquece tudo isso.

Judas (sem ouvir)

Está diante de mim desde que eu fugi della...

Simão (com força)

Esquece essa visão, filho...

Judas (com raiva)

Posso eu esquecer? Posso eu esquecer a face beijada por traição — a face daquelle que me amou...

Simão (rapidamente)

Tanto quanto aos outros onze?...

Judas (continuando sem prestar a menor attenção)

... daquelle que me confiou a bolsa, que dividiu commigo o pão e o vinho...

(Simão tenta em vão interrompel-o)

... daquelle que me lavou os pés...

(movimento de desespero de Judas — ergue os braços para o alto, gritando quasi, diante do espanto de Simão)

Porque o trahi, por que, pae? Não o amava como os outros? Não o amava talvez mais que os outros por momentos?

(Simão tenta intervir — Judas o afasta com um movimento brusco, o olhar perdido no alto)

Foi castigo, Senhor? De todos os meus peccados foi esse o casti-

go? Que fiz eu que merecesse tão grande pena? Não amei o Mestre, não quize a sua gloria?

(pausa — subitamente se lembrando)

Pagarei por ter querido tambem a minha gloria? Ou o dinheiro dos pobres, os alimentos da communitade, pesarão assim tanto, condemnarão de tal modo? ...

(sacode a cabeça como se achasse que nada disso podia ter a menor importancia aos olhos de Deus — desespero total).

Por que o trahi, pae, por que? Não o amava, não...

(Simão interrompe-o num gesto de consolo mas não consegue dizer nada — Judas afasta-se delle em direcção á porta)

Porque não o soube amar mais, amar como os outros?... Por que não o soube amar até o fim?...

(desapparece na porta mergulhado no mais total desespero)

Simão (que o acompanhou com o olhar até vel-o desapparecer na porta, tem um movimento de máo humor quando fica só)

Que o Senhor nos livre para sempre de agitadores como esse Nazareno...

(pausa — voltando a cuidar do seu trabalho)

Mais um... E esse veio transtornar a razão do meu filho e de minha mulher e trazer a esta casa a intranquillidade e o remorso, a preocupação para um homem que vive do seu honesto trabalho...

(pausa — com irritação, mas sem maldade no coração)

Miseravel sedutor, esse Nazareno... Que morra mesmo nas mãos dos filhos de Israel elle que veio perturbar a vida de Israel!...

(cáe o panno).

SCENA IV

(O panno ergue-se deixando ver um caminho cheio de pedras na base de um pequeno monte nas proximidades de Jerusalem. Instantes depois Judas passa em scena, aparentemente fugindo, o cabello desgrenhado, a tunica rasgada do lado, com todos os signaes de um grande desespero. No momento em que vae saindo de scena, surge no outro extremo Sara, cansada, offegante. Compreende-se logo que ella o veiu seguindo, querendo detel-o e já tendo percebido o seu intuito. Judas volta-se subitamente e pára olhando-a, como a desafial-a. Dureza no olhar que pouco a pouco, diante da afflicção estampada na physionomia de Sara, se abranda).

Judas (vindo até junto de Sara e segurando-a por um braço))

Por que me segues, mãe?

Sara (ainda offegante)

Que vaes fazer?

(pausa — immobilitade absoluta de ambos. Subitamente, fixando-o, Sara continua)

Ainda ha o arrependimento, filho...

(movimento de recuo de Judas ao se sentir descoberto nas suas intenções)

Nada está perdido...

Judas (interrompendo-a irritado e se afastando)

Deixa-me ir...

Sara (retendo-o com um gesto imperioso que o faz parar a dois passos)

Ainda ha o arrependimento, filho...

Judas

Deixa-me ir...

Sara (com força)

Não tens nenhum arrependimento?

Judas

Arrependimento?...

(pausa longa — Sara não consegue fitar o olhar de Judas e abaixa o seu)

Arrependimento para mim, mãe?

(gemido de dor de Sara — pausa longa)

Sara (tentando enfrentar a situação)

O arrependimento é para todos, filho...

Judas (com força)

Arrependimento para mim, mãe?

(novo gemido de Sara)

Arrependimento para o que entregou o sangue innocente?

(gemido de dor — Sara parece não poder supportar a situação nem mais um momento. Judas prosegue sem prestar attenção)

Arrependimento para o que traiu o seu Mestre e o entregou com um beijo aos que o queriam matar? Arrependimento?...

(Sara agarra-se a Judas para fazel-o calar)

Arrependimento para mim, mãe?

(Sara cãe nos braços de Judas soluçando. Aos poucos o seu pranto invade-o tambem. Momento de silencio, de immobilitade total. Aos poucos Sara desprende-se de Judas, não se querendo deixar vencer pelo desespero)

Sara (reagindo, mas a voz ainda perturbada)

E' preciso ter confiança, filho...

(pausa — com força)

E' preciso voltar a Jerusalem, ir procurar o Mestre.

(pausa — com lagrimas nos olhos, a voz tremula)

... onde quer que elle esteja...

(pausa — as palavras saindo molhadas de lagrimas)

... pedir-lhe perdão...

Judas (sem vacillar)

E' tarde agora, mãe.

Sara (continuando sem ouvir)

... soffrer com elle, soffrer tudo o que elle tiver de soffrer...

Judas (com força, irritado)

E' tarde agora, mãe...

Sara

E' preciso ter confiança, uma immensa confiança...

Judas (mais irritado ainda)

Confiança? O Mestre teve confiança em mim, em mim...

(pausa — com desánimo, fixando Sara)

A mim me deu a bolsa da communiidade para guardar... A mim me deu o pão para comer e o vinho para beber... E a mim a face para o beijo...

(movimento de horror de ambos — pequena pausa)

A face para o beijo... a mim!...

Sara (escondendo a cara nas mãos de horror)

Piedade, filho!

Judas (sem attender)

O homem que entregou o innocente poderá elle se apiedar do culpado, do criminoso?...

(pausa — com horror de si mesmo, approximando-se de Sara)

Mãe, o criminoso tem que expiar o seu crime — não ha piedade para elle sobre a terra...

Sara (com subita inspiração)

Ha o perdão, filho. Ha o perdão...

(pausa — com força)

O perdão de Deus, que fazes delle? A misericordia de Deus, para que existirá ella? O amor...

Judas (interrompendo-a com força)

Para o meu crime não ha perdão...

(pausa — vehemente)

Onde? Como o perdão?...

Sara (com convicção)

Deus é misericórdia... Por que não lhe pedir perdão?...

(pausa — hesitante)

Elle não o negará nem mesmo a ti...

Judas (sem vacillar)

Para o meu crime não ha perdão, mãe — ha castigo, maldição eterna, tudo, menos perdão...

Sara (sem desarmar)

Para todo arrependimento ha perdão.

(pausa — persuasiva)

O perdão não é medido pelo tamanho do crime, bem o sabes... Não me contaste tu mesmo que viste com os teus olhos o Mestre perdoar áquella mulher adultera que os phariseus queriam apedrejar no templo? Quem tinha peccado mais do que ella?

Judas (implacavel)

Meu peccado é outro.

Sara

O perdão será outro...

Judas (sem vacillar)

Meu peccado não tem perdão.

Sara (com força)

Por que queres julgar o teu acto? Quantas vezes não ouviste, como eu, como tantos, o Mestre mandar não julgar para não ser julgado?... Por que queres julgar a ti mesmo, agora?

Judas (sem vacillar)

Não pôde haver perdão para mim...

(pausa — o olhar perdido longe)

O que não teve bastante amor pelo Mestre para resistir á tentação, poderá elle esperar o perdão do Mestre?...

Sara (com força)

O Mestre ensina a não julgar e a perdoar sempre. Quantas vezes mandou elle a Simão Pedro que perdoasse? Não te lembras mais?

Judas

Meu crime é maior que todos os crimes da terra. Sozinho elle ultrapassa todas as contas que Simão Pedro acaso saiba fazer...

(pausa — invencivelmente tenaz)

Não ha perdão para mim, mãe...

(movimento de desanimo de Sara — Judas desvia o olhar)

Sara

Por que desesperas desse modo, filho? Por que?...

Judas (sem vacillar)

Mãe, escuta: a maldição caiu sobre mim! Eu pequei contra o

amor do Mestre... Que queres mais?...

Sara (com subita inspiração)

Por que desesperas do teu amor pelo Mestre?... Por que não esperas d'elle a salvação?

(pausa — com força)

Por que não tentas?

Judas

A minha parte sobre a terra, agora, só é uma, mãe: a maldição...

Que queres que eu faça? Que queres de mim?

Sara (com força)

Soffre o teu castigo resignado, amando...

Judas (interrompendo-a)

A maldição sobre a terra?

Sara (com força)

Soffre o teu castigo sem indagar qual elle é. Aceita a maldição, se é ella que o Senhor te reservou. Aceita a maldição, aceita o castigo qualquer que elle seja...

(pausa — subitamente abrandando a energia do tom em que estava falando)

O Senhor é misericórdia e amor — elle terá pena de ti e tirará de sobre os teus hombros o peso que te faz curvar...

Judas (subitamente irritado)

Tirá de sobre os meus hombros a maldição que elle poz?

(desanimo — caindo a irritação de repente)

Que fazer ainda sobre a terra, mãe?

Sara (sem hesitar)

Amar o Senhor, filho... Amar o teu Mestre que precisa do teu amor, mais do que o de qualquer outro homem...

Judas (interrompendo-a)

Em pouco elles o terão morto...

Sara

O Mestre voltará, filho...

(pausa — com mais força)

Elle resurgirá logo, como prometeu. Não confias na sua palavra?

(pausa — diante de uma leve hesitação de Judas augmenta a intensidade, fazendo convergir toda a sua capacidade de convencer sobre o ponto que sentiu sensível)

Elle ressuscitará como prometeu. E virá a nós...

(pausa — com força)

O Mestre virá a ti e te perdoará.

Judas (um momento exaltado pela vaga possibilidade entrevista)

A mim, mãe?...

Sara (com força)

Diante do teu sofrimento, se o souberes aceitar, elle te perdoará. Não é elle entre todos o que tem o poder de perdoar?...

(pausa — abrandando o tom diante de um movimento de desanimo de Judas)

Diante do teu sofrimento quem não te perdoará, filho? E o Mestre...

Judas (ainda um momento vacillante, interrompe, enfim, completamente desilludido)

A mim, mãe?

(pausa — com força, arrancando-se subitamente do sonho)

Deixa-me ir, mãe... Por que me tentas?

(pausa — diante da surpresa de Sara, com horror)

Por que me tentas? Tu também?...

Sara (surpresa, sem comprehender)

Que disseste? Alguem te tentou?...

Judas (com firmeza)

Nada, mãe. Ninguem me tentou, senão tu, ha pouco...

(pausa — decisivo)

Mas deixa-me ir... Nada mais ficou para mim na terra...

Sara

Nada?

Judas

Nada, senão a maldição, a grande maldição que do alto do céu caiu sobre mim...

Sara (com força)

E a esperança, filho?

Judas

Meu desespero é muito maior, mãe, muito maior que qualquer esperança...

(pausa — diante do olhar morto de dor de Sara, aproxima-se um pouco, compadecido)

Mãe, não me comprehendes?... Um homem não pôde viver com uma carga dessas sobre os hombros, não pôde, é mais forte do que elle...

Sara (implorando quasi, a voz tremula de lagrimas)

E' preciso aceitar, filho — aceitar seja o que for.

Judas (com desanimo)

Para isso é preciso ter forças e eu não tenho. . .

Sara (quasi soluçando)

Não ouviste da bocca do Mestre mesmo, que acima de tudo é preciso não desesperar do Senhor que é o supremo perdão? E não aprendeste ao mesmo tempo que o unico peccado que não tem remissão é esse do desespero?

Judas (ouvindo curvado sob o peso das palavras de Sara e parecendo um momento estar tendo consciencia de todo o peso do seu destino)

En sei, mãe, eu sei. . .

(pausa — com todo o desanimo accumulado)

Que posso eu fazer?

Sara

E' preciso amar, filho. . .

(pausa — com grande força na expressão)

E' preciso amar mesmo depois de ter peccado contra o amor.

(pausa — vehemente)

E' preciso esperar, confiar. E' preciso esperar. . . De qualquer modo é preciso. . .

Judas (interrompendo-a, de novo submergido por um completo desanimo)

O peso é terrivel, mãe. Meus hombros não supportam, meu corpo verga, eu me sinto esmagado só de pensar. . .

(exaltando-se subitamente)

Não posso mais. . . Em tudo a mesma imagem se reflecte e é sempre para mim perseguição e desespero. Em tudo, nas pedras dos caminhos, por entre as ramagens que se saccodem sobre minha cabeça, no ar, no teu rosto mesmo, mãe, é sempre, sempre, a mesma face, a face beijada que eu vejo, que me persegue, que me aponta o abysmo. . .

(movimento de horror de Sara — Judas prosegue sem ver mais nada agora, cego pela sua visão)

(A face beijada, sangrando. . . A face por onde correu depois do meu beijo o escarro e o sangue dos espinhos. . . A face que contemplou o medo de Pilatos e os gritos sangrentos dos sacerdotes. . .

(cada vez mais horrorizado, os olhos perdidos na visão que está diante d'elle e que nada mais conseguirá afastar, procurando ás cegas se desvencilhar dos braços de Sara que em vão o tentam envolver)

Mestre! Mestre! O meu beijo, o teu olhar de perdão! . . .

(arranca brutalmente as mãos de Sara que se apegaram ao seu braço e sáe de scena como um louco, em pleno desespero)

Sara (depois de seguil-o com os olhos, erguendo as mãos para o alto em oração, a cara lavada em pranto)

Piedade, Senhor! Dae-me forças para seguil-o. Dae-me a vossa luz bemdita para que eu o convença. Dae-me coragem para dominar o meu pranto, para poder falar diante d'elle de modo que me ouça.

(pausa de alguns instante — as palavras são molhadas de lagrimas)

Dissipae a minha ignorancia. Inspirae-me razões que o convençam. Fazei com que o possa convencer do vosso infinito amor por elle. Piedade, Senhor! Piedade de mim que o amo quasi tanto quanto a Vós! Piedade de mim, Senhor!...

(põe-se a andar, visivelmente extenuada, mas decidida a proseguir, na direcção que Judas tomou instantes antes, enquanto cae o panno).

SCENA V

(Momentos depois. O mesmo caminho, apenas já agora mais adiante. As mesmas pedras, o mesmo ar selvagem. O vento não cessa de gemer. Quando o panno se ergue vê-se em scena, de joelhos no caminho cheio de pedras, Sara, mais extenuada ainda do que na scena anterior. Comprehende-se logo que continuou a seguir Judas, mas naturalmente não se sabe se tornou a encontral-o).

Sara (de joelhos, as mãos juntas e levantadas para o alto, em attitude de oração, banhada em lagrimas)

Piedade, Senhor! Fazei cair sobre mim o castigo, mas poupae-o! Salvae-o pelo amor que elle Vos tem, que é muito. Se meu filho não vos amasse tanto, se não Vos quizesse acima de tudo e de todos — de mim, Senhor, d'elle proprio! — não teria desesperado desse modo e teria voltado a Vós, aceito o castigo, continuado junto dos seus, de mim, Senhor. Piedade d'elle, pelo que Vos amou quando comprehendeu o seu crime! Piedade, Senhor!

(os soluços de Sara encobrem varias das palavras que profere em seguida — o vento continua a soprar furiosamente)

Piedade, Senhor! Tomae-o ao menos nos vossos braços, amparae-o com o vosso ultimo perdão! Que o vosso amor esteja com elle no ultimo instante e tudo estará salvo ainda. Piedade, Senhor! Salvae-o que vae morrer ao alcance dos vossos braços! Piedade, Senhor!

(o vento e as lagrimas de Sara augmentam ainda, de modo que não se ouve mais nada da sua oração. O panno cae enquanto se veem os seus braços mais uma vez se erguerem para o céu implorando — fim).

SURSUM CORDA

FRANCISCO KARAM

Se tudo está perdido, ainda resta
Uma coisa essencial que é tudo:
— A vida.

Viver é o dom de Deus. E' a razão pura
Dessa existencia. E o mais é quasi
Nada.

Recolhe-te ao teu quarto, á tua casa.
Ou, si os não tens, recolhe-te em ti mesmo.
Vive.

Terás o dia e a noite, a dor e, ás vezes,
Um pouco de alegria que, por engano,
Vem.

Tu mesmo és como um reino em que tu' és
Sultão e o unico senhor. E's pobre
E rei.

E se mais queres, então, é erguer os olhos.
Une-te a Deus. Senhor de ti, serás,
Tambem, senhor de tudo o mais.
Senhor de Deus.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MUSICA

LINA HIRSH

Dois phenomenos que representam uma concretização da mais elevada idéa cultural na musica, surgiram das profundezas de mundos potenciaes no anno de 1685: Bach e Haendel. Sairam dum mesmo fundo cultural: andavam cada um delles, por caminhos da sua propria individualidade; olhavam um para o outro com a sincera justica que o homem conscio do seu proprio valor e da sua propria capacidade, applica na sua attitude para com os outros Grandes. Em correspondencias e memorias é conservada uma palayra de Bach que indica as relações espirituaes entre estes dois musicos: "Haendel!" — disse Bach; "Haendel é o unico Ser humano que eu queria ver antes de morrer; e o unico entre todos que desejaria ser, se eu não fosse o Bach." — Entrando na luta pelo ennobrecimento cultural da humanidade, Bach e Haendel encontraram, já prompta e solida, a base classica da composição, na grandiosa magestade da Musica Sacra, preparada pelos sacerdotes-musicos, S. Sylvestre, S. Gregorio, S. Chrysostomo, S. Ambrosio, obra aperfeicoada por Palestrina, (na sua Missa), por Pergolesi (no Stabat Mater), e por outros. Já se annunciára uma primeira aurora da musica lyrico-dramatica, nas operas compostas pelos italianos Monteverdi, Alessandro Scarlatti, e o mesmo Pergolesi, etc. Viadana já havia exposto as regras fundamentaes do contraponto e "Generalbaes" (baixo cifrado) e a "toccata", desenvolvida por Frescobaldi, a "aria", o "concerto grosso", e a "sonata", estavam numa fase de primeira eclosão. Além disso, porém, Bach e Haendel achavam á sua disposição um novo thesouro musical de matavilhosa potencia: o typo perfeito dos violinos e celli creados pelos mestres Amati, Stradivari, Maggino, Guarneri e os seus collegas; instrumentos que abriram a porta a uma expansão da musicalidade e a uma multiplicidade de efeitos e matizes psychico-musicaes, sem par no desenvolvimento da musica. Todos estes elementos, porém, existiam como que fragmentarios. Em gran-

des partes da Allemanha e da Inglaterra, não se podiam aproveitar os thesouros esthetico-psychicos e culturaes da musica sacra catholica, e de outras obras classicas, porque a Reforma os havia banido. Na Italia e na França podiam gozar intensamente destes altos valores; mas os "espiritos elegantes" se julgavam obrigados a glorificar a sua propria intelligencia, e a restringir a expressão do caracter profundo e sério na musica leiga. Por toda a parte faltava o genio audaz que, desrespeitando os preconceitos da vaidade, da frivolidade "à tout prix", do puritanismo e do fanatismo anti-religioso, combinasse e amalgamasse os elementos psychicos e estheticos da musica sacra com os elementos expansivo-sentimentaes da composição leiga, lyrica, dramatica, vocal e instrumental. Todavia, reinavá nessa época sincero interesse pelo desenvolvimento do mais nobre estylo musical-expressivo; a musica era considerada como elemento fundamental de toda educação, civilização e cultura, igual em importancia e dignidade, á propria philosophia. A musica achava-se numa situação de madrugada, esperando a palayra magica do mestre que lhe mobilizasse, dinamizasse, e focalizasse as disposições potenciaes. Assím se levantou, resplandescente e glorioso, o duplo astro: Bach e Haendel. Surgiram das profundezas psycho-musicaes da humanidade; pensavam e sentiam em musica; aproveitaram corajosamente os elementos dispersos, e, na poderosa forja do seu genio, moldaram as formas novas da musica universal.

Para o Norte "esclarecido" dum Frederico, o Grande, Bach restaurou, pelo menos no campo musical, uma parte dos valores culturaes, arruinados pela furia dos "Bilderstuermer", ("demolidores de imagens e igrejas"), e por outros fanaticos da Reforma. Bach era protestante; mas devia necessariamente reconhecer, e aproveitou, os thesouros da musica catholica; nunca negaria este mestre a influencia exercida pela musica de Palestrina e pelos fundadores ecclesiasticos do estylo classico-musical! Haendel deu á Inglaterra, e a todo o mundo musical, a mais perfeita synthese do estylo classico, mas doce e lyrico, do intimo ardor religioso da musica sacra, e da grande representação dramatica musical; a expressão da personalidade caracteristica e do psychismo humano-universal, combinando todos estes elementos, em ondas de harmonia melodiosa.

O proprio Bach gostava de lembrar as origens do seu estylo. Menino de oito annos, mas já musico habil e conhecido, Bach soube que num quarto fechado havia manuscriptos de musica sacra italiana. Esperando em vão que um dia achasse a porta aberta, o menino Johann Sebastian entrou clandestinamente pela janella; apoderou-se

dos manuscriptos preciosos, copiou e estudou esta musica, e restituiu o thesouro ao santuario, entrando pelo mesmo caminho de que se havia servido para penetrar até ao alvo do seu entusiasmo. Haendel era até mesmo mais fervoroso admirador do estylo classico italiano. A vibração melodiosa das vozes e das composições italianas correspondia á sua propria musicalidade e cultura esthetica. Já sendo compositor celebre, e correndo de triumpho para triumpho, Haendel abandonou uma boa posição na Allemanha, e foi á Italia, afim de estudar no proprio ambiente, e no contacto com os musicos italianos, o estylo e as condições interiores, psychicas, da musicalidade italiana, o character das vozes e dos instrumentos. E repetiu estas viagens varias vezes. Foi ás igrejas e aos conventos, aos theatros e ás “academias de musica” nas cortes e nas universidades; estudou manuscriptos de musica, aprendeu com os musicos e conhecedores, ecclesiasticos e leigos, entrou na estrutura intellectual da composição classica, na musica sacra e na musica leiga, lyrica e lyrico-dramatica da Italia; e escrevendo durante todas as viagens, na carruagem do correio e no quarto do albergue, creou obras primas, aperfeiçoou o seu proprio estylo e o da musica universal. Todavia, nem Bach, nem Haendel escreveria musica de conteudo psychico tão profundo, e de tal estylo magestoso, nem criariam composições de tal elevação e musicalidade, se não combinassem no seu proprio psychismo a cultura das faculdades intellectuaes e dos sentimentos, o requinte esthetico, uma firme religiosidade, e a coragem de sacrificar as vantagens materiaes, para realizar alvos do idealismo. Bach e Haendel nasceram na Allemanha, onde, tambem nessa época, ardiam lutas espirituaes e guerras do materialismo. Mas na sua “Generalbasslehre”, (Sciencia do contraponto e baixo cifrado) Bach escreveu: “A musica tem por unica finalidade, causa e justificação, só e exclusivamente a tarefa de servir á gloria de Deus e á elevação da alma. Onde não se attende a estes principios, não ha verdadeira musica, mas sómente berrar diabolico e uivar”. — Será superfluo escrever commentarios para lembrar que, — por exemplo, — o celebre “Largo” de Haendel exprime uma mensagem das profundezas do sentimento religioso, numa harmonia perfeita: ou que (para mencionar outro exemplo conhecido por todo o mundo), a “Chaconne” de Bach, tocada como é preciso tocá-la, no estylo de Bach, no violino sem acompanhamento, contem no seu movimento interior, as mais finas, intensas, e sagradas vibrações duma alma sensivel. Importa contemplar as obras de Johann Sebastian Bach e de Georg Friedrich Haendel com a consciencia e comprehensão da mentalidade musical, do criterio esthetico, e das idéas culturaes que dominavam o

mundo espiritual destes mestres. Para estes grandes musicos, como para todo artista de verdadeiro genio, a musica não é meio de expressão para imitar com um realismo repugnante, as vozes do materialismo ordinario; mas para elles, a musica é a voz das almas puras, expressão de nobres sentimentos, traduzidos em formas de som crystalino e idealizado. A musica de Bach e de Haendel não é divertimento para materialistas grosseiros; mas é um halito do genio que eleva a nossa alma ás alturas da contemplação ideal e da harmonia perfeita. Bach, vivendo como simples "cantor" (regente) em igrejas allemãs; Haendel, passando a maior parte da vida na Inglaterra, como director, regente, e compositor da Opera e dos concertos da Royal Academy, concentraram a universalidade psychica na personalidade musical. Bach, pae de vinte filhos, começou dentro da propria casa a obra da educação musical; continuou-a na formação do celebre coro de S. Thomé, de Leipzig; e pelas suas composições está educando ainda hoje todos os genios capazes de elevação musical. Haendel, celibatario inexoravel, não queria sacrificar um minuto da sua vida a qualquer divertimento ou occupação, fóra da sua actividade musical. Não saiu da casa, excepto para exercer as suas funcções de musico e regente; não contou horas de dia ou de noite; lançou-se com tal intensidade na expressão das suas idéas musicaes, que os empregados da casa, ou mensageiros do officio, entrando depois de bater duzias de vezes na porta, sem que elle o percebesse, encontravam o mestre chorando de emoção, á elaboração duma aria lyrico-tragica, ou escrevendo de manhã, á luz duma lampada, que lhe havia espalhado pelos manuscritos os fracos raios da sua chamma, durante toda a noite. Haendel tinha só uma unica paixão, além da musica; a predilecção pela pintura religiosa de grande estylo.

Bach e Haendel, ambos, morreram cegos; mas conservaram até aos seus ultimos dias, a dignidade dos verdadeiros genios.

Falar sobre Bach e Haendel é pouco; ou antes, não é nada! Devemos tocar a musica dos mestres! estudal-a, para entrarmos no sacrario da sua vida interior. Mozart, Verdi, Wagner, Brahms, Schumann, Tschaiikowsky e todos os outros grandes musicos da época nova, aprenderam estudando as obras destes dois genios; e Beethoven escreveu: "Haendel é o mestre de todos os mestres da musica; o genio sem par! é inimitavel! Olhem para elle! Com o minimum de meios, elle produz o maximum de effeito!"

ANNUNCIO DOS "TEMPOS NOVOS"

(DISCURSO PRONUNCIADO DURANTE A CAMPANHA
SOCIAL DA C. C. B.)

LUIZ AUGUSTO DE REGO MONTEIRO

— A Igreja vae partir.

— A Igreja já está com a sua immensa bagagem ordenada.

— Compreendam os illuminados.

— Confessem os que crêm.

— "Que os mortos enterrem os mortos" — é a sentença evangelica final aos que ficaram surdos aos seus desolados clamores.

— Debalde, lancinantemente, repercutiram as reprovações de sua prédica commovedora — "muitos os chamados, poucos os eleitos".

— A Igreja ha quatro seculos soffre a angustia do abandono. Esses seculos esposaram, um a um, os erros da injustiça e da impiedade, sorriram aos afortunados e rejeitaram os indigentes...

— E o clamor da voz do deserto continuava, dos Papas, a repetir as estrophes longinquas da pregação apostolica.

— Os tempos modernos que se iniciaram, não continuando ou progredindo, aperfeiçoando ou santificando o esforço sobrehumano da christandade medieval, voltavam-se contra a linha dessa civilização. E o cadaver da horrorosa miseria que inundou o universo exhala o cheiro do individualismo utilitario ou do cazarismo aviltante! Nada disto é christão!

* * *

Hoje, como outróra, repetem-se as lições da immortalidade: A Igreja vae partir, innocente dos crimes do seculo, contra os quaes, obstinadamente, gritou, consciente de que não pertence ella a um seculo nem a uma nação, transcendendo das raças e dos cyclos de civilização, na eternidade dos seus horizontes, desprendida da caducidade das coisas humanas, desvinculada das contingencias de tempo, abrindo a humanidade dos seculos futuros, dentro dos divinos designios seus, as luzes quentes e irradiantes que scintillaram, primeiro, dos braços, infinitamente estendidos, da Cruz.

Essa a meditação da lição histórica:

— Um dia, S. Pedro baptizára, em Cezaréa, o estrangeiro Cornelio — e a agua purificadora desceu sobre uma cabeça que não tinha atravessado o portico da Synagoga...

— Os circumcisos disputaram, então, agonizados, feridos na susceptibilidade profunda do seu patriotismo. Era a tradição immemorial que bradava na sua alma de povo predilecto.

— Amotinados, afflictos, gemendo, protestando, vociferando, braços tremulos, vultos alterados, vestes dilaceradas... despedaçava-se a alma, a cultura israelita!

— Mas o gesto do apóstolo era o cumprimento da doutrina do Mestre:

A parábola do bom samaritano martellava a cabeça dos hesitantes; em todas as partes seria annunciada a palavra de Deus, não só na Judéa, "mas em toda a nação aquelle que o teme e obra o que é justo esse lhe é acceito" (Actos dos Apóstolos. Cap. 10).

— O concilio de Jerusalem confirmava o acontecimento: para ser christão não é preciso ser, antes, judeu. O genio de S. Paulo e a santidade heroica de S. Pedro venceram a resistencia — salvaram o Christianismo. A synagoga estremeceu. O nome de christãos já é definitivo e pessoal — em Antióchia assim os chamam. A Igreja realiza a sua universalidade — é Catholica — e as suas azas dilatadas, desdobradas, agigantam-se no infinito dos espaços e das consciencias de todos os povos.

— S. Pedro corta as amarras que ligavam a sua barca e, em oceano livre, para a largueza de sua missão, desprende-se, a Igreja de Jesus, do doutrinismo emperrado de Israel.

— Rompiam-se, nos entendimentos, os mysterios das prophcias — comprehendia-se, então, a universalidade do Imperio Divino.

* * *

Para traz, na nostalgia desilludida dos promettimentos mal interpretados, afundada na confusão de seus erros, restava melancolica Israel, dentro da espessura de suas muralhas, entre protestos e lamentações, emquanto recordava o seu destino ambicionado e perdido... "Super flumina Babylonis illic, sedimus et flevimus, dum recordaremur Sion..."

* * *

De pé entre duas culturas que se defrontavam — a Theocracia Judaica e o Imperio Romano — o Christianismo surge na expressão inconfundivel de sua theoria exclusiva e ambas estremeecem ante esse

phenomeno social: a primeira de lhe haver perdido a dominação, a segunda do arremesso de suas idéas.

— E o impeto daquelles miseraveis christãos abalou o Imperio Romano e desdivinizou os Cesares — irrompiam em Roma: (superstitio erumpebat... per Urbem — Tacito — Ann. XV. 44), e tão poucos e tão insignificantes, mas, já, incessantemente tumultuavam a cidade (assidue tumultuantes — Suetonio — Claudii XXV.).

* * *

— Propagados os ensinamentos e resgatadas as almas, accumulados os esforços dos justos e o sangue dos martyres, quando os apóstolos ainda advertiam os thronos e tinham os nomes de Athanazio ou de Ambrozio, já a Christandade extendia os seus limites, tão longe quanto as fronteiras armadas do grande imperio, até o Rheno, o Danubio, o Euphrates.

— Mas, enquanto o Christianismo vencía, recolhendo a belleza immortal do pensamento e da arte, as instituições romanas definhavam, no aniquilamento terminal das épocas historicas.

E, quando, para salvar o imperio decadente, pretenderem identificar a Cruz e o sceptro, condicionando ao final deste a irrevogavel extincção do emblema da Fé, a Igreja lembrou, mais uma vez, a sua predica uniforme, annunciando o occaso, daquella civilização, na violação dos seus preceitos moraes.

— A lição repetiu-se: conduzindo, para deante, um patrimonio de intelligencia e de santidade, a Igreja recebe o mundo barbaro que avido, penetra o santuario da sua doutrina, feliz e grato porque ella não lhe impuzera — vestisse a toga romana ou lhe supportasse a escravidão.

— Atordoados, para traz, os surdos aos seus clamores; no suicidio em que se precipita a sociedade romana nós recordamos as lagrimas de Israel.

* * *

Voltam as paginas da historia. Sobre os destroços da cultura romana e sobre a barbaria dos germanos ou dos celtas — a Igreja, permittindo, cultivando o influxo das inspirações novas, vivifica-as com a alma de sua Fé.

— Sua doutrina destinada á eterna salvação dos homens, será a eterna contemporanea do genero humano.

— E as cathedraes gothicas e as universidades brilhantes — já tão longe como Cambridge ou Cracóvia — são os clarões dos novos seculos e a victoria de Christo.

— Succedem-se os episodios, e o mysterio da iniquidade e da decadencia tambem caminha. E assim como um Gregorio salva o Christianismo, no transito da invasão barbara, tambem um papa, com o nome de Gregorio salva a suprema unidade da Igreja, do attentado maximo que o mundo medieval commetteria, esquecido dos ornamentos de sua maravilhosa formação, filha dos Agostinho e dos Bonifacio.

— Já se avizinham as iniquidades e quando se pensa em enfeudar a Igreja, subordinando-a ás duvidas de uma politica tumultuaria, o mundo abala-se na "luta das investiduras" e, embora morram os papas, magnificamente, abraçados á Cruz, na dôr moral mais pungente, a civilização moderna recebe, depois da dissolução do feudalismo, uma Igreja ainda "universal" e, maravilhosamente, "una" que poderá offerecer o spectaculo, surprehendente, de uma nova reacção. na transição, agitada e tremenda, dos seculos, depois do retrocesso e das impiedades da "renascença", — realizando, com o Concilio de Trento e as novas ordens religiosas, o milagre de resurgir, purificada de suas proprias entranhas attribuladas e soffredoras...

* * *

Sempre acima das vicissitudes transitorias, na graça de sua missão santa, sabe a Igreja redimir a humanidade, illustrando as culturas e enroupando-se com a espontaneidade pura e justa das iniciativas generosas e sábias, sem se subordinar á ephemeridade dos regimens sociaes, politicos ou economicos.

* * *

— Essa, tambem, a pagina de hoje:

— Assim como pretenderam escravizar o Christianismo, dentro das paredes fechadas de Israel, cumpliciando-o, mais tarde, com a civilização romana, enfeudando-o, depois, no medievalismo, ou, ainda, confraternizando-o com a monstruosa immoralidade da "renascença", hoje, é preciso que a Igreja brade as ultimas apostrophes contra a cultura actual, que se esvaece — na accção como na intelligencia, eximindo-se de qualquer compromisso nos seus desastres e insuccessos.

* * *

Tal como a reacção contra o judaismo foi emprehendida em nome da "universalidade" da Igreja, a reacção contra o Imperio Romano, o Feudalismo, a "Renascença" o foram, respectivamente, pela "liberdade", pela "unidade" e pela "santidade" da Igreja de Christo, agora — ergue-se o vulto sobrenatural da mesma Igreja, em nome da "Justiça" e do "Amor" para que se alcance a "Paz de Christo", que, em vão, o mundo almejava distante do "Reinado de Christo"!

A renovação social que se aproxima, atemorizando a cultura burgueza, é para a Igreja o annuncio triumphante da cessação de muitas dores, e a aspiração fremente de novas conquistas...

* * *

— O grande capitalismo affligiu a Igreja dos pobres, atormentou a Igreja das limitações, dos devotamentos, dos sacrificios... e, onde houvesse a sua presença dadivosa e util, era um tropeço, ás usurpações inescrupulosas e ás desigualdades gritantes.

— “Affaste-se, portanto, a Igreja para o interior das sachristias e para o recesso das consciencias”, foi o guante, impertinente, da burguezia, em successo.

Nenhuma actuação se lhe concedeu na ordem social; e o Christianismo, sob a ameaça do laicismo, caminhava humilhado para a intimidade dos altares, espargindo ainda, sobre a civilização, em declínio, a piedade de suas advertencias e de suas orações...

— Como defender ou chorar ou irmanar-se, talvez, a uma civilização que votou á Igreja o desprezo de sua auto-sufficiencia pedante, manifestando a confiança imbecil no progresso material indefinido, na opulencia da produccão illimitada, anciosa de gozo, de luxo, reclamando, para isso, mais machinas e menos operariado, mais “dividendo” e menos “salario”...

— E os literatos de superficie saudaram o emprehendimento aventureiro e chimérico como o signal dos homens mais aptos; a moral do successo de J. Weber recolhia adeptos na exultação dos rendimentos que se apontavam.

— A virtude dos santos, o altruismo transbordante dos verdadeiramente fortes, o devotamento ou a renuncia — simples attitudes, ridicularizados pelos incontinentes de toda ordem.

— A voracidade extorquente é a marca da “besta”.

* * *

Mas as horas tragicas são, tambem, as horas propheticas e o genio do Christianismo é o espirito prophetico.

E “a renascença christã suppõe, não sómente um espirito sacerdotal de santificação da vida, mas igualmente, um espirito prophetico de transfiguração real (Berdiaeff — Esprit et Liberté).

E Pio IX e Leão XIII são o signal prophetico da renovação necessaria e triumphante, são o proprio genio do Christianismo, na linhagem de suas culminancias.

* * *

Pio IX foi o alarme vibrante, o silvo tremendo que concitou

Christandade para a arrancada da resurreição, na marcha dos seculos.

— A condição do prisioneiro de Roma marcava ao mundo, em côres assignaladas, o divorcio profundo entre a Igreja e o seculo — era a demonstração fecunda — fixem-no os historiadores — da ausencia de compromissos reciprocos.

Hoje não invoque a burguezia agonica, o sustentaculo da Igreja, suporte a adversidade no destaque em que se allucinou.

* * *

Pio IX corta as amarras com a civilização dissolvente. O "Syllabus", monumento de coragem e de sabedoria, foi o clamor illuminado que dissipou a confusão. Opera-se o inicio da grande concentração do Christianismo.

— A' expansão do apostolado disperso, succede-se a condensação dos ensinamentos e da experiencia vivida. A' diastole segue-se a systole.

— A Igreja condensa a opulencia do seu magisterio incomparavel.

— Em Pio IX — o infallivel — glorifiquem as gerações futuras a eminente dignidade do Christianismo — o seu golpe decisivo largando, ao oceano livre, a "arca da alliança", refugio sagrados dos melhores, foi o instrumento Providencial da salvação, no diluvio que se esboçava em sua visão prophetica e no seu gesto antecipado. — Meditem os contemporaneos!

* * *

Da magestade apocalyptica de Pio IX á serenidade augusta do mais pio, talvez dos Pios Pontifices — Pio XI, atravessam os avançados marcadores do roteiro dos tempos novos, diligentes e acautelados no construir as bases futuras da nova Christandade, que se antevê na séde de justiça e de caridade, da hora que passa.

— Leão XIII — Pio X — Bento XV — Pio XI representam a consolidação prodigiosa da Igreja immortal! E esses Papas, por tal fórmula, integram-se, que a Igreja avulta em um resplendor de sabedoria, jámais tão constante e tão universal.

Os signaes são evidentes de tempos novos.

— Immortale Dei, Rerum Novarum, Humanum Genus, Aeterni Patris são as definições de Leão XIII para o momento premente, são, tambem, os anathemas para o erro insidioso e disseminado.

— As sociedades politicas deschristianizadas, as massas obreiras reduzidas a um jugo servil, a maçonaria solerte, a escolastica

omnisciente — eis os problemas que apaixonam o espirito genial de Leão XIII.

E o seu magisterio expande-se, irradia-se, concita, castiga, seduz, agita e empolga a humanidade do seculo e do futuro na consagração entusiasmada ao grande doutor.

A Santa Igreja, diariamente, ficou respondendo ao appello prophetic do grande Papa, conclamando, nas preces liturgicas finaes da Missa, contra "o espirito maligno pervagante"...

A encyclica "Pascendi Dominici Gregis", de Pio X, é o éco, imperturbavel, da acção intellectual da Igreja, na defesa das potencias e da dignidade da razão humana. Libertando-se, acintosamente dos perigos de "Modernismo", vencida era mais uma amarra que lhe lançára o mundo.

* * *

Já, então, Bento XV maneja, com segurança, um material de erudicção e de doutrina que póde demarcar a posição da Igreja, na catastrophe mundial da "conflagração européa", em que a sua acção angelical é a unica expressão de belleza, num periodo de iniquidade e trevas.

— Progride o movimento de systole e o monumental "corpus juris canonicum" que constitue o "Codex" promulgado por Bento XV reúne secular preceituação jurídica.

* * *

Pio XI é o adeus final á cultura do cyclo esgottado e insufficiente.

— Já todos os problemas estão conceituados: — em Theologia como em Philosophia, em Moral ou em Sociologia, em Ritos e disciplina ecclesiastica, para a salvação individual, communhão dos dissidentes e Paz universal.

— A' burguezia tonta a Igreja acena o gesto piedoso de ãm chamado e de uma censura — "Quadragesimo anno" — logo seguido do impulso altivo, patriarchal e emocionado do verdadeiro pastor ante a algidez dos corações em face da miseria estuante — "Caritate Christi compulsi"!

* * *

— E, agora, na curva da historia, coerente na vocação de seu magisterio predestinado, harmoniosa com a lição redemptora de Jesus, repetindo os estros da comunidade apostolica, relendo a obra millenaria dos Chrysóstomos, dos Agostinhos, dos Ambrosios, meditando sobre os textos equilibrados de realidade e de justiça de Antonio de Florença ou de Thomaz de Aquino, exhibindo, ao uni-

verso, a sua indefectível personalidade e a sua misteriosa unidade — a Igreja diz um adeus aos mortos que sossobraram na voragem allucinante de seus erros cruéis.

— Desprendida de qualquer contaminação de uma civilização contra a qual, invariavelmente, clamou; incondicionalmente ferida e contestada nos seus direitos; a Igreja olha com uma visão prophética — privilegio seu — os escombros da cegueira anti-christã.

E já ha quasi meio seculo vem a Igreja incorporando o infeliz proletariado moderno á sociedade, ao intimo de seu coração, sem para isso, exigir, como outróra no episodio dos barbaros, que vista a libré da burguezia.

* * *

E a Igreja, adianta-se, prosegue, forte, transportando sobre suas azas a aurora lucida dos tempos novos;

— devassam-se os arcanos das “Escripturas”;

— com a Igreja transportam-se, para a immortalidade, os frutos optimos da sabedoria e da santidade...

— “Bemaventurados os que soffrem por amor da justiça”.

— Adeus aos vencidos!

— “Que os mortos enterrem os mortos”!...

S. THOMAZ, NIETZSCHE, PROUST...

TASSO DA SILVEIRA

O tragico da intelligencia humana está, sobretudo, em poder ella, partindo de u'a mesma premissa maior, — de um mesmo fundamento de sensibilidade ou compreensão, — chegar a extremos tão afastados uns dos outros que se tornam verdadeiramente antipodaes. Thomaz de Aquino, Nietzsche, Proust: hão de perguntar como pude associar na minha mente estes tres nomes. Principalmente, como pude associar-os por sob aquella observação inicial. Da maneira mais simples deste mundo: lembrando-me de que S. Thomaz construiu uma doutrina de defesa do ser; — para obstar, portanto, á dissolução do ser; de que Nietzsche foi levado á sua triste aventura pela visão dolorosa do deperhecimento do ser; e de que Proust escreveu seu enorme romance para salvar algo do ser. Isto é, lembrando-me de que os tres, entre si tão differentes como expressões temperamentaes, intellectuaes e mo-raes e pelos momentos historicos a que pertenceram, partiram do mesmo dado inicial — a degradação de tudo nesta vida, — e do mesmo desejo incoercivel — resguardar, de qualquer maneira, a realidade, — para chegarem, por interferencia de premissas menores desiguaes, ás conclusões tão diversas a que chegaram.

— O aquinatense, reconhecendo pela razão e pela fé, a existencia do ser absoluto, — do ser em si mesmo e, portanto, imperecivel, — a elle prendeu o ser contingente, criado, pelo laço essencial da intelligencia. Foi o grande processo que encontrou para sustar a dissolução infinita. Difficilimo resumir-lhe a doutrina. A sua analyse surpreendentemente penetrante estabeleceu de maneira definitiva que o objecto formal da intelligencia é o ser. O ser, sob todas as especies, mas sobretudo o ser que se não corrompe. E, sendo assim, pela rectificação da intelligencia chegaremos tambem á rectificação da vontade, que lhe é subordinada, orientando-a para o indissoluvél, e, portanto, arrancando-a á degradação que representa o depercimento do ser em nós.

O mundo não assistiu até hoje ao espectáculo de um pensamento mais do que este profundo e luminoso. (Bem sei que a obra de S. Thomaz é um commentario á de Aristóteles. Mas sei, tambem, o quanto esse commentario infundiū de eternidade nas altas concepções do stagyrita).

Nietzsche sentiu, premindo-lhe as arterias, — sentiu-a, antes do mais, na sua propria debilidade intrinseca, — a exaustão, no mundo, da energia criadora. Não soube acertar com o motivo da intuição tremenda. Nascera, com a alma sedenta de ser, numa época em que toda a força interior do homem declinava. A philosophia tocava, após Bacon, Descartes, Kant, Hegel, Spencer, Augusto Comte, ás ultimas raias do seu funesto desvio. E, consequentemente, ruia a grandeza espiritual da humanidade, e as profundidades de sabedoria encobriam-se de névoa espessa aos olhos tornados cegos. Desprendido da velha crença, e ignorante das aquisições permanentes da especulação metaphysica antiga e medieval, Nietzsche suppoz tratar-se apenas, no caso que o impressionava, de um problema physiologico, psychologico e politico. Atribuiu aos seus coetaneos um debilitamento oriundo das doutrinas de amor e paz. Principalmente, da doutrina divina de Jesus. E, então pregou o super-homem, com o seu aristocratismo da força e da vontade individual.

O mesmo vacuo terrivel atormentou a sensibilidade de Proust. O autor e heroe do *A' la recherche*, descrente da eternidade e vendo chegar a morte, poz-se a aņsiar pelo ser numa crise angustiante. Mas no presente e no futuro, só via a dissolução fatal. Foi assim que lhe occorreu a idéa allucinatoria de salvar o passado, por um esforço prodigioso de evocação, de re-criação, pela arte, do que havia para sempre perecido. Este o sentido essencial do seu grande romance. A critica, até hoje, vacillando ante uma expressão de grandeza tragica que não sabe localizar nem definir, não poudo descobri-lo. O *A' la recherche* não é simplesmente um movimento impressionante de renovação esthetica. Não é simplesmente u'a maneira nova de expressão e uma integração, na arte, de elementos que permaneciam fóra della. E', sim, revelação de um drama fundo do espirito: o drama da intelligencia nascida para o ser, e vendo o ser dispersar-se em fumo, em poeira, em nada.

Não ha, pois, artificio na conjuncção dos tres nomes — S. Thomaz, Nietzsche, Proust, — sob a observação com que iniciei estas linhas. Quer o Doutor das Escolas, quer o psychologo da Prussia, quer o animador gaulez partiram da intuição do ser e da necessidade de preservá-lo da dissolução dolorosa. Mas chegaram, o primei-

ro, á reafirmação dos principios eternos que, após o seu longo apagamento através da moderna historia, estão hoje suscitando no mundo inteiro, através da luta pela restauração da intelligencia, um resurgir de energias interiores formidavel. O segundo, ao equivoco do individualismo exacerbado, que depois verificámos significar a negação do ser, isto é, justamente o contrario do que Nietzsche, na profundez do seu sub-consciente, pretendia. E o terceiro á tentativa frustra, — não para a arte, mas para a sua propria alma dilacerada, — de fazer reviver o que menos era disto susceptivel, — a realidade perdida, inexoravelmente perdida no passado, miragem que no deserto enlouqueceu seus pobres olhos humanos.

Ha algumas linhas de Nietzsche que, desligadas do contexto, poderiam trazer a assignatura de S. Thomaz ou de Proust:

“O homem é alguma coisa que precisa ser ultrapassada... A grandeza do homem é que elle é uma ponte e não um término: o que pode ser amado no homem é que elle é uma transição e uma destruição. Eu amo aos que só sabem viver em perigo, porque esses vão longe: Eu amo os grandes desprezadores, porque são os grandes adoradores, porque são as flexas que anseiam por alcançar a outra margem.” (Zaratustra).

Tambem para S. Thomaz o homem é qualquer coisa que precisa ser ultrapassada. E' uma intelligencia perdida em bruma, que deve chegar á extrema claridade pela contemplação da Intelligencia Eterna. Tambem para o Doutor Angelico, o homem é uma ponte e não um termino. O termino está fóra d'elle, e é o esplendor absoluto. Por isto, porque elle é uma transição, nelle deve processar-se a destruição de tudo quanto o impeça de alcançar a “outra margem”. Só conseguirá fazel-o se souber viver em perigo, quer dizer, sem temor aos incoerciveis soffrimentos. Só conseguirão fazel-o os que, sendo os grandes desprezadores de si mesmos, são, pelo mesmo motivo, os grandes adoradores de Deus.

Nietzsche, porém, nas suas palayras, põe outro valor e outro accento. Um fundo valor de desintegração e um accento de morte. Porque, suppondo descobrir um effeito do verbo nazareno no que era, simplesmente, um effeito da infidelidade a esse verbo, isto é, na degradação espiritual, intellectual e moral do seu, do nosso tempo, foi levado a inverter o sentido profundo de tudo. Querendo affirmar, chegou á extrema negação. Diluiu no super-homem o que ainda restava do homem. E na theoria da eterna recorrencia o que ainda brilhava, na terra, de transcendente esperanza.

Como Nietzsche, Proust daria áquellas palavras acceção toda sua. Proust queria ultrapassar-se a si mesmo, fugindo á immensa miséria interior a que o scepticismo o lançára, pela reintegração, na sua alma, do que ella fôra antes, quando nella ainda pulsavam as forças juvenis. Sua intelligencia, sua vontade, seus pobres nervos crispados iriam servir, no apartamento sem ar e sem luz em que residia, como uma simples ponte, fragil e precaria ponte, para a impossivel passagem. Por este sonho absurdo, viveu em perigo seus derradeiros annos, desafiando a fadiga, desprezando a enfermidade, no exasperado esforço a que se deu.

Interferencia de premissas menores designaes... Todas as realidades são, quem sabe, syllogisticamente construidas. O homem é que não descobre quasi nunca os termos certos de cada syllogismo. De cada mysterioso syllogismo de Deus.

LETRAS CONTEMPORANEAS

JONATHAS SERRANO

HAMILTON NOGUEIRA — Dostoiewski — Schmidt.
editor, 1935.

Morto ha mais de meio seculo, em 1881, Dostoiewski é, para este mundo agitado de 1935, um nome relembrado a miudo, um psychologo invocado, até por especialistas, para comprovar com a força impressionante das suas analyses de personagens de ficção as theorias mais modernas da sciencia positiva, e — circumstancia das mais dignas de exame — romancista ainda lido e relido, apesar da tyrannia da moda e da apparente victoria, dentro do genero romance, de outras tendencias, de outros themes e de outros processos E' que o autor de *Crime e Castigo* não foi apenas um habil urdidor de enredos empolgantes; nem tão pouco um mero paizagista, de colorido mais ou menos feliz e exacto; nem ainda sómente um enfadonho dissector de almas, em paginas e paginas massicas e hypnoticas. Na obra de ficção do possante evocador da *Casa dos Mortos*, ha toda a intensidade pungente da tragedia humana realmente soffrida, não simplesmente imaginada; a profundeza sombria da miseria moral observada bem de perto e de dentro; a empolgante complexidade irresistivel dos sentimentos, sublimes ou abjectos, morbidos ou salutaes, capazes de levar ao crime ou á redempção.

Desde o seu primeiro romance, escripto aos 23 annos de idade, era já Dostoiewski attrahido pela tristeza da vida humana aqui neste planeta infimo e miseravel.

Tendo servido um anno no exercito, ao concluir os estudos da Escola de Engenharia, iria conhecer em breve os horrores siberianos num prolongado exilio. Pagava caro a audacia de participar da agitação democratica em favor da emancipação dos camponios. Sem esses annos de observação, não poderia ter elle composto aquellas paginas inolvidaveis da sua obra extranha.

Comprehendendo o entusiasmo de Hamilton Nogueira ao es-

crever, hyperbolicamente: "... não se conhece, na literatura russa, e talvez mesmo na literatura universal, nenhum romancista dotado como Dostoiewski dessa surpreendente capacidade de revelar-nos e sentido occulto, divino, dos mais insignificantes acotocimentos, nenhum romancista que tenha conseguido attingir essa plenitude de expressão, que estabelece, immediatamente, uma corrente de sympathia entre o leitor e essa humanidade viva transplantada para o dominio da arte."

Apesar do talvez, e da excepção feita a favor de Gogol na parte inicial do periodo, a qual suprimimos na citação, vê-se que Hamilton Nogueira dá a Dostoiewski um primado na literatura de ficção que só aos grandes genios se concede.

Bem sei que já se escreveu, a proposito das Recordações da Casa dos Mortos, que tal obra lembra o Inferno dantesco. Ha quem a considere mais commovente que Le Mie Prigione de Sylvio Pellico. Sem exaggerar o louvor, é justo reconhecer a poderosa força daquellas paginas inspiradas por um longo contacto com as dores moraes.

Reconhecendo-lhe a originalidade e a intensidade extraordinaria d,e Vogué chamou a Dostoiewski de monstro, incompleto, que do mundo só viu uma metade: a do soffrimento. Na verdade ha em toda a obra do grande psychologo a preocupação da miseria humana, do peccado, do remorso, da expiação.

Dir-se-ia que paira sobre algumas das suas personagens a sombra de um destino fatal, aquella noiva dos gregos, a que estavam sujeitos os proprios deuses do Olympo.

Hamilton Nogueira o reconhece, mas de outro angulo. El cita em seu apoio o juizo de Berdiaeff. "Dostoiewski é levado ao conhecimento de Deus pelos caminhos que muitas vezes afastam o homem de Deus. Dostoiewski escreveu uma espantosa theodicéa, que é ao mesmo tempo uma anthropodicéa. Não existe senão um argumento eternamente empregado contra Deus, a existencia do mal no mundo. Thema que para Dostoiewski parece fundamental. Toda a sua obra é uma resposta a esse argumento."

Realmente não posso comprehender como certos pensadores eminentes perdem tempo com certas objecções ou admiram-se com certos factos reputados maravilhosos. Que ha de mais surpreendente, de mais maravilhoso que a mesma realidade?

O prodigio maior não é que haja milagres taes ou taes em Lourdes ou alhures. O maior de todos os milagres é que haja alguma coisa, é que exista o ser, seja qual fôr, e que exista, por exemplo, o homem. E outro prodigio, porventura, ainda mais estupendo, é que

exista a liberdade, isto é a possibilidade de peccar, de preferir o peor, isto é, que haja o mal moral.

E ha tanta gente (a maioria do genero humano) que nem sequer póde entender em que consiste este problema e discute apaixonadamente, por exemplo, a impossibilidade da transsubstanciação. Como se o Deus Omnipotente, que creou os seres todos, e dotou o homem de livre arbitrio, ficasse condicionado ao que a nossa pobre razão comprehende perfeitamente...

Hamilton Nogueira defende a intenção christã, o sentido religioso da obra de Dostoiewski. Acha que as suas idéas têm sido erroneamente interpretadas por muitos dos seus criticos. "Ellas não significam, como querem alguns, uma interrogação angustiante sobre os problemas do ser e do não ser. Reflectem antes uma visão grandiosa do universo, reflectem o tragico destino de uma humanidade sob o peso da expiação de um grande crime."

E' uma hermeneutica licita. Não é a unica possivel.

A mesma preferencia pela interpretação mais profunda — e mais christã — da psychologia do autor do *Idiota*, revela-a Hamilton Nogueira ao considerar o caso de Nastasia Philippovna, nas suas hesitações as alternativas amorosas entre Rogozine e o principe Muischine.

Mas o mesmo Hamilton reconhece que, embora caso unico, "A Voz Subterranea" é um livro onde se nota a ausencia de Deus. E verifica "uma extraordinaria semelhança entre a essencia da "Voz Subterranea" e o espirito da obra e da vida de Nietzsche."

Outra observação exacta de Hamilton Nogueira é que "Como as verdadeiras obras de arte, os romances de Dostoiewski nasceram espontaneamente do intimo do seu ser. São evasões libertadoras da sua alma intensamente vibratil e sincera, e que através de um universo fantastico, mas tão proximo de nós, nos legou a todos o valioso e inestimavel patrimonio da sua experiencia."

Seria erro de critica o querer de um romancista o mesmo que se tem o direito de exigir de um philosopho. Ainda assim reconhece Berdiaeff que de certo modo, a obra de Dostoiewski não é apenas uma expressão esthetica, mas uma intuição intellectual...

E' curioso que uma das contribuições mais ricas á psychologia moderna venha, no proprio seculo da psychometria e das pretensões do naturalismo scientifico, da analyse introspectiva realizada por alguns dos mais eminentes mestres do romance. E nesse particular, Dostoiewski é dos mais admiraveis.

Hamilton Nogueira não hesita em affirmar que a obra do autor

da "Voz Subterranea" antecipa genialmente as conclusões de Proust e de Freud. Eis a prova: "Tendo do universo uma visão mais ampla, elle attinge no homem as origens tantas vezes tenebrosas e inconfessaveis dos desejos e das paixões. Na "Voz Subterranea" encontram-se condensados os principios essenciaes da theoria psychanalytica, naquillo que ella encerra de verdadeiro. E' uma obra escripta por necessidade como se o autor obedecesse a um impulso natural de limitação desse mundo fantastico que se forma no inconsciente."

Não pretendemos, na hypothese, invadir a esphera de competencia de Hamilton Nogueira, medico, especializado no estudo da doutrina do mestre de Vienna, a que já consagrou paginas notaveis, em 1933, paginas por nós mesmos então devidamente louvadas. Mas, com o direito que se arroga ás vezes a incompetencia, ousamos divergir um pouquinho. Não nos parece que se trate propriamente de psychanalyse, no sentido rigoroso da neologia: mas de boa analyse psychologica, por introspecção, que não foi invenção, nem constitue privilegio do judeu genial (o qualificativo é da responsabilidade de Hamilton Nogueira) que excogitou o Ich e o Es, a libido e os complexos.

Mais digna de exame é a approximação entre a affirmativa de Freud de que "o Sonho é a via regia que conduz ao conhecimento do inconsciente" e aquella phrase do Homem Ridiculo; "o sonho é a cabeça, o desejo, o coração."

Levado pelo seu entusiasmo, Hamilton Nogueira vae adiante. "Se no estudo do inconsciente Dostoiewski antecipa a Freud, elle tambem é, em alguns pontos de vista, um precursor de Proust." Não contestamos: sómente queremos sublinhar que psychologo profundo, não deixou Dostoiewski de ser um romancista authentic, escriptor e narrador capaz de prender a attenção do leitor não especializado. Romancista popular até, que teve em vida o applauso da multidão que lhe comprehendia, ao menos em linhas geraes, a significação humana, social, da obra forte e sincera. Quanto ao psychologo original de A' la recherche du temps perdu, este jámais foi nem poderá ser, como Dostoiewski, accessivel ao homem commum, incapaz de subtilezas de introspecção mais ou menos morbida. Nem ha, nas suas paginas, o que se desprende das melhores do grande filho de Moscou: "a possibilidade da resurreição pelo Christo"....

"Para Dostoiewski, — diz Sergio Persky — não ha senão uma resposta, confessar o Christo como verdadeiro Deus Homem, incarnado, crucificado, resuscitado, arbitro dos vivos e dos mortos no dia do julgamento final. E' só nelle que está a salvação; o resgate está na cruz e a solução na sua palavra."

O ensaio de Hamilton Nogueira é um documento da sua cultura, do seu bom gosto literario, da sua finura de psychologo christão. E', além disso, de real vantagem e grande oportunidade nesta hora de geral inquietação e desordem intellectual.

— Que é o inferno? pergunta o staretz Zozimo aos seus discipulos. E elle mesmo responde: — Eu o defino assim — o inferno é o soffrimento de não mais poder amar.

Com razão diz Hamilton Nogueira que “esse preceito de amor é incontestavelmente a idéa mestra de toda a obra dosfoiewskeana.” Ora o amor, na sua accepção mais alta e exacta, é a essencia do Christianismo.

A obra de Dostoiewski, todavia, não obstante o seu nobre sentido e intensa força psychologica, não é igualmente benefica para todos. Nem dá uma visão completa do mundo e da vida. Como observou Fagued, Dostoiewski foi sobretudo o pintor dos desgraçados e dos vencidos. Elle os conhecia de perto e sabia, como ninguem, dar-lhes a expressão real e inconfundivel.

Mas na vida não ha sómente a tragedia do soffrimento. Como escrevia, ha pouco, François Varillon, em *Etudes*, a proposito de Claudel; “S’il est vrai que le détachement confère la souveraine liberté, et non point la destruction des valeurs humaines, mais en définitive leur parfaite possession, le poète envisage sans terreur ce monde dont il n’est pas l’esclave, mais l’héritier. Il marche joyeusement dans le jardin du Père; toutes choses lui sont familières; et son langage ne sera point exempt de cette fantaisie de cet humeur même, si souvent compris á contre-sens, qui sont le signe d’une santé proprement catholique.”

E quem o sentiu e praticou porventura melhor do que o grande Poeta que sem duvida foi o Poverello de Assis?

A suave alegria franciscana: eis o que parece não comprehendem muitos christãos, que só encaram o mundo e a vida pelos seus aspectos sombrios e tragicos.

Bem sei que desses não é, graças a Deus, Hamilton Nogueira. Não é tão pouco dos que eu chamaria os “christãos apocalypticos”, sempre á escuta das trombetas pavorosas do juizo derradeiro.

Mas a sua admiração incondicional, embora intelligente e bem analysada, por Dostoiewski leva-o a sómente pôr em relevo o que ha de mais profundo na obra do artista-philosopho. Não lhe interessam as defficiencias, os pontos criticaveis. Não faz propriamente um panegyrico; mas tambem não assume os ares de critico e juiz: apon-

ta, observa, sublinha, commenta. E, repitamol-o, com felicidade e real maestria.

A nós, entretanto, sem tentar em nada diminuir a significação superior da obra de Dostoiewski, manda-nos a serena imparcialidade accrescentar que essa obra é apenas uma face da realidade. O mundo não é sómente injustiça, miseria e desesperança. Ao sair dos subterraneos humidos e sombrios é cômpegação e conforto olhar o céu azul, iluminado pelo Irmão Sol, enquanto a rebrilhar nas pedras claras murmura a Irmã Agua a sua canção de vida. E mais além ha crianças a correr na alegria da innocencia e da esperança. E até os passarinhos, — que S. Francisco entendia muito melhor do que nós — gorgeliam o seu agradecimento ao Autor das flores e das azas.

REGISTRO

PERILLO GOMES

OS SOVIETS SE TRANSFORMAM Fazendo a apologia do soviétismo russo, que lhe pareceu a revelação de uma face nova do Socialismo, Edouard Berth apresentava um grande argumento: seu verdadeiro espirito anti-burguez. E como prova de tal espirito referia seu repudio á Democracia e a opposição que lhe movia o situacionismo francez, coincidindo com as sympathias com que era tratado pelo situacionismo allemão. Edouard Berth dizia taes cousas nos primeiros tempos do "após-guerra". E a esse tempo, como é sabido, havia da parte do officialismo francez bastante repugnancia pela barbarie bolchevista, ao passo que o officialismo allemão, influenciado pelos socialistas, canalizava para os cofres sovieticos quanto podia subtrair á escassa economia do paiz para negar-se ao cumprimento de suas obrigações de nação vencida na guerra. Então, a supposta ditadura proletaria estava em pleno delirio de sua furia demolidora. Porém os tempos de agora já são completamente distinctos. A Allemanha não poudé ou não quiz continuar "bancando o coronel" com os Soviets. Tiveram elles, portanto, que sair em busca de outros amores. Conhecem-se seus coqueteios com a Inglaterra e os Estados Unidos. Por fim se acolheram aos braços generosos da França com quem se encontram em pleno idyllio. E quasi ao mesmo tempo um congresso do Partido Communista annuncia sua reconcillação com a Democracia. Que expressão terá agora a "nova face" do Socialismo? Seria opportuno que Edouard Berth se desse ao incommodo de vir de novo definil-a. Quicá lograsse successo para um novo "conto do vigario"...

CONTRA OS APROVEITADORES DA GUERRA O Senado norte-americano acaba de ter uma feliz iniciativa pacifista: projecta crear um imposto sobre os lucros provindos da guerra, a tal ponto elevados, que se o pode considerar como uma prohibição a que os particulares venham a fazer negocio com o sangue e a vida de seus semelhantes. Não é de hoje que se diz que a concupiscencia do ouro constitue o factor principal das guerras. E' igualmente sabido que a potencia financeira dos judeus se formou com o despojo dos povos vencidos. Muitos autores insistem na affirmação de que o capital

juden não pôde dispensar esta maneira violenta de multiplicação. Como quer que seja, resulta verdadeiro o conhecido aporisma de que "o dinheiro é o nervo da guerra". Isto admittido é logico esperar que si se logra retirar das causas da guerra a cobiça do dinheiro, ter-se-ha dado um grande passo para a frente no campo da paz. Desde que a guerra não mais interesse aos banqueiros semitas, e mesmo possa prejudical-os, será difficil, pelo menos muito mais difficil, encontrar quem a declare. A nosso vêr a iniciativa americana, posta em pratica nos Estados Unidos e seguida pelas grandes potencias, seria immensamente efficaz para os justos propositos de concordia universal.

A PROPAGANDA SO- VIETICA

Nos ultimos tempos de nossa estadia em Hespanha tivemos oportunidade de ouvir uma das audições de propaganda da Russia pelo "radio". O orador, falando em perfeito castelhano, pintava a vida dos obreiros na U. RR. SS. com as cores mais seductoras possiveis: cinco horas de trabalho diario; cinco dias de trabalho por semana; salarios abundantes; alimentação escolhida; educação gratuita dos filhos pelo Estado; assistencia continua e auxilio constante dos poderes publicos á familia; diversões gratuitas, etc., etc. Ao mesmo tempo que ouviamos taes maravilhas do reino dos Soviets nos lembravamos de que milhares e milhares de obreiros hespanhoes, nas sêdês de associações socialistas, como nós outros, escutavam attentos a narração das suppostas venturas dos seus irmãos de trabalho na Russia, e, em sua simplicidade, davam credito á palavra do habil propagandista. E uma reflexão nos acudia: ha um problema operario a resolver na Hespanha. O governo se empenha na busca da melhor formula para solucionar-o. Porém é certo que por maior que seja a sua boa vontade neste sentido, jámais poderá offerecer ao trabalhador hespanhol coisa que se assemelhe com o panorama da vida do trabalhador na Russia comunista, apresentado pelos propagandistas sovieticos. Tal impossibilidade resulta, como é sabido, do facto de que a propaganda sovietica está toda ella baseada sobre o embuste. Desde porém que os governos a autorizam, tornam-se cúmplices nas mentiras do bolchevismo, e, sobretudo, aggravam de modo incrivel as difficuldades dos problemas que estão postos para que elles os resolvam. E a nós mesmos nos perguntámos: ajudará em algo ao poder publico em Hespanha, para a solução do "paro" obreiro, a divulgação das fantasias sobre a vida do trabalhador na Russia, que vem sendo feita systematicamente pelo "radio"?

TAMBEM NA TURQUIA E' RE- PELLIDA A MAÇONARIA

Os jornaes annunciam a resolução do Governo turco de extinguir no territorio nacional as lojas maçonicas. Dia a dia augmenta a lista dos povos em que as actividades maçonicas passam a ser prohibidas, como em Portugal, na Italia, na Austria, na Hungria, e na Allemanha. Em Hespanha o movimento anti-maçonico se iniciou com uma proposição não de lei, approvada pelas Côrtes,

impedindo aos militares de pertencer ás fileiras da Maçonaria. Agora é a Turquia que se somma á theoria dos paizes que se oppõem á internacional maçonica. Não somos dos que apontam Kemal Pacha como o typo do super-estadista moderno. Sua politica religiosa, sem incidir nos extremos da sanha persecutoria, deixa muito a desejar, não obstante, em materia de verdadeira liberdade de consciencia. Como quer que seja, o certo é que não se póde negar ao ditador turco o merito de ser um dos homens publicos de nosso tempo mais capacitados para a funcção de Governo. No caso em apreço, aliás, não se faz mistér o dom da genialidade para comprehender o perigo resultante para o Estado das actividades de instituições secretas com finalidade eminentemente politica como a Maçonaria. Para aperceber-se deste perigo basta não estar dementado pelo opio do Liberalismo, que suggere as absurdas illusões da compatibilidade de todas as liberdades, mesmo as que se repellem entre si, como a liberdade do Bem e a liberdade do Mal. A Turquia, pois, com a alludida resolução, affirma o seu proposito de não querer perecer sob as insidias de uma seita de historia tão nefasta como a Maçonaria.

A SEMANA SANTA EM HESPANHA

Hespanha sem Semana Santa é tudo, menos Hespanha. Dahi porque desde o advento da Republica, que determinou a suspensão destas festividades, o hespanhol vivia intranquillo, sentindo que algo de si mesmo lhe faltava, que algo de essencial á vida de Hêsphanha havia desaparecido. Os politicos chegaram por fim á comprehensão de que um regimen que não assegure as celebrações da Semana Santa em Hespanha está condemnado a não crear raizes no cerne da nação. E rendidos a esta evidencia empenharam-se no sentido de que este anno essas solemnidades se realizassem em Hespanha com o maximo brilhantismo. Assim é que do Ministerio do Governo foram dadas ordens terminantes ás autoridades provinciaes e municipaes afim de que offerecessem ás autoridades religiosas todas as garantias dos poderes publicos para que pudessem ter lugar, como em outros tempos, as festas que encerram o cyclo quaresmal. Não poucas municipalidades levaram seu interesse a ponto de subvencionar as confrarias para ajudal-as nos gastos dos actos religiosos. Deste modo, em quasi todo o paiz, as festas da Semana Santa se realizaram quasi com a antiga imponencia e o mesmo fervor dos bons tempos da monarchia. Casos como o de Saragoça onde os extremistas lograram frustrar parte das festividades, se contam como excepção. E ainda ali, é de justiça assig-nalar, não faltou a devida assistencia do governo ás autoridades religiosas. Em Sevilha, que tem fama mundial, nada faltou, desde a magnificencia dos actos piedosos á immensa concurrencia de forasteiros. Temos de registrar esta nova attitude da Republica Hespanhola como um grande acerto. Somos dos que estão convictos de que qualquer regimen politico arraiga em Hespanha se tiver sabedoria bastante para viver em cordialidade com o Catholicismo do povo.

**POLITICA DE PATRÕES
CHRISTÃOS**

Foi noticiado que a Federação de proprietarios do paiz de Galles do sul de Inglaterra, para celebrar o jubileu do Rei Jorge V, acaba de contribuir com a bella somma de 50 mil libras esterlinas destinadas a formar um fundo com o qual devem ser instituidas pensões para os operarios de suas minas impossibilitados de trabalhar por velhice. Publicando esta noticia varios jornaes assignalam que esses proprietarios são precisamente aquelles cujos negocios se encontram menos prosperos, e manifestam a esperanza de que os demais imitarão este magnifico gesto de solidariedade christã. O exemplo daquelles proprietarios, porém, não deve ser apontado apenas aos seus collegas inglezes. Entre nós outros, tambem, é tempo de que os industriaes e homens de negocio se entreguem a iniciativas deste porte, sem medir sacrificios, não esperando que o nosso trabalhador aprenda a exigir pela força o que deve ser concedido em bom espirito de concordia. Sem duvida, nossa economia é ainda escassa, e a situação da nossa industria, em geral, está longe de ser escandalosamente prospera. Não obstante isto, salvo em um ou outro dos seus ramos, ella está em condições de fazer mais do que habitualmente faz em beneficio dos seus obreiros. Tenhamos em vista que uma das coisas que mais contribuíram para impopularizar o patrão no Velho Mundo foi sua resistencia em melhorar a sorte dos seus operarios, de accordo com pedidos de modestas proporções, sob a allegação de impossibilidade economica das empresas, e não obstante, sem que as circumstancias mudassem, pedidos pelas greves e demais actos de violencia, terminaram por conceder muito mais do que o solicitado, e sem direito á gratidão dos beneficiados.

DEPOIMENTO

(SAUDAÇÃO FEITA DURANTE O CONGRESSO
EUCARISTICO DE CAMPOS)

THEOBALDO DE MIRANDA SANTOS

(Director do Lyceu de Humanidades e da
Escola Normal de Campos)

Alceu de Amoroso Lima! A missão de vos saudar em nome dos catholicos da minha terra é uma incumbencia grata e honrosa que para o meu espirito se reveste de uma significação especial. Ninguem mais do que eu poderia ter a suprema felicidade de vos transmittir a expressão da nossa grande alegria e do nosso profundo desvanecimento pela vossa visita a Campos. E a razão do intimo jubilo que me empolga ao dirigir-vos esta modesta saudação é a seguinte: sou catholico convertido por vós.

A força attrahente e persuasora da vossa intelligencia superior, a irradiação da vossa cultura universal e o exemplo impressionante da vossa fé viva, pura e inabalavel foram os factores que mais contribuíram para a minha conversão ao catholicismo.

A minha historia é a historia dessa geração cuja adolescencia foi envenenada pelo espirito dissolvente de após-guerra com os seus desesperos, as suas duvidas e as suas inquietações. O meu espirito ainda não amadurecido recebeu a influencia annihiladora dessa atmosfera dramatica de desencanto e perplexidade. O choque brutal da guerra tinha calado fundo no espirito dos homens, criando uma nova attitude psychologica em face do mundo e da vida. O scepticismo e o relativismo, o sibaritismo e o esthetismo, o agnosticismo e o scientificismo, a duvida permanente, a disponibilidade, o sorriso de ironia e incredulidade que tinham sido o estado de espirito dominante e a marca mais caracteristica do seculo dezenove e do inicio do seculo vinte, não podiam mais satisfazer aos homens angustiados e annihilados pelo cataclysmo da guerra mundial e pelas revoluções sociaes que ella provocou. A realidade não podia ser mais considerada como

um méro jogo de apparencias e a vida como uma simples fonte de prazeres. E os homens começaram então a sentir duvidas das suas duvidas.

Foi essa atmospherá que eu encontrei quando me fiz adolescente. Sem um roteiro certo, sem uma orientação segura, influenciado pela minha educação secundaria e universitaria de caracter nitidamente agnostico e naturalista, durante longos annos errei perdido pelos caminhos intrincados do racionalismo scientifico, do ecclétismo philosophico e do sibaritismo esthetico. Senti logo que essa jornada nunca me levaria á solução da minha inquietação interior. O scientismo com a sua interpretação unilateral da realidade, a philosophia ecclética, racionalista ou irracionalista, orientada no sentido da sciencia natural, da sciencia cultural ou da theoria do conhecimento, o esthetismo superficial e ephemero com as suas mutações continuas e as suas soluções relativistas, não satisfaziam a minha ansiedade cósmica, a minha inquietação metaphysica, a minha sede de totalidade. Senti então ecoar dentro de mim aquella phrase tragica de Marcel Arland citada por vós: "Nenhum systema me satisfaz e a falta de um systema me angustia". Foi quando appareceu a vossa obra profunda, luminosa e original baseada no realismo catholico e abrangendo todos os sectores da cultura humana. O seu apparecimento constituiu um acontecimento notavel e sem precedente na historia das nossas letras e veiu servir de roteiro ás novas gerações intellectuaes ansiosas de plenitude e de totalidade.

Pois foi a vossa obra extraordinaria de sabedoria e clarividencia, Alceu de Amoroso Lima, que me levou a estudar a synthese thomista com a sua concepção integral e organica da realidade, onde encontrei afinal solução para todos os problemas que me angustiam o espirito. Foi ainda a vossa obra illuminada e forte que me integrou definitivamente no seio da Igreja Catholica. Por isso, saudando-vos em nome dos catholicos da minha terra, eu vivo um dos momentos mais culminantes da minha existencia porque tenho a emoção inolvidavel de dirigir a palavra á propria pessoa daquella que eu considero como o guia espiritual da minha geração.

Alceu de Amoroso Lima, a vossa visita honrosa e desvanecedora enche os nossos corações da mais pura e justa das alegrias. Nós, os catholicos de Campos, temos acompanhado com carinhosa admiração a luta gloriosa que vindes empreendendo galhardamente, pelo pensamento e pela accção, pela victoria dos ideaes immorredouros da Igreja Catholica.

No trabalho de critica systematica á unilateralidade do natura-

lismo scientifico e ao schematismo mutilador do relativismo philosophico, na obra de propaganda dos postulados luminosos do realismo catholico, a nossa acção na America do Sul só é comparavel á de Maritain e Gilson na França e á de Grabmann na Allemanha.

Aliás, esse movimento de reacção anti-naturalista de que sois os pioneiros incomparaveis e cuja expressão mais forte e legitima é representada hoje pela philosophia néo-escolastica, já se vem delineando, ainda que por trajectorias differentes e caminhos até mesmo oppostos aos da Verdade, em todos os sectores da cultura, desde o inicio do seculo XX.

Se não fosse o perigo dos schemas sempre insufficientes para abranger o ambito completo e multiforme da realidade, eu classificaría, sob o ponto de vista epistemologico, o seculo XIX como o seculo do absolutismo scientifico e o seculo XX como o seculo do relativismo scientifico.

Effectivamente, no seculo passado, o homem pensou utopicamente ter conquistado o dominio do mundo pela sciencia. Envaldecido pela massa de aquisições scientificas julgou-se um semi-deus. Teve a illusão de ter virado a Verdade pelo avesso. Suppoz o universo um simples brinquedo em suas mãos. Empolgou nessa occasião a humanidade uma rajada de mysticismo scientifico que a levou a uma creança absoluta nas possibilidades da sciencia.

A philosophia que não deve ser um simples corollario da technica experimental, nem uma méra systematização de sciencias, mas um elan para o absoluto, uma ascensão para o transcendental e, sobretudo, uma concepção total da realidade, tornou-se apegada ao puro phenomenismo dos factos, escrava da objectividade e das apparencias, manietada absurdamente ás coisas tangiveis e transitorias, commodamente, burguezmente, sem nenhuma tentativa de escalada para o supra-sensível e para o extra-phenomenal.

A philosophia official do seculo passado, nada mais foi do que simples subsidiaria do laboratorio. Os postulados philosophicos só podiam ser enununciados pela bocca dos cadinhos e pelo bico das tortas.

A razão historica da attitude philosophica dessa época se encontra, de um lado, nas contradicções do criticismo kantiano e nas exagerações do idealismo hegeliano que desacreditaram as especulações metaphysicas; de outro lado, no apparecimento do positivismo de Comte, preparado pelo empirismo inglez e pela eclosão das sciencias experimentaes, que empolgou os espiritos deslocando-os da meditação philosophica para o estudo da realidade objectiva.

Feuerbach foi quem accendeu o rasilho da polvora, provocando a explosão materialista que se estendeu por todo o seculo XIX sob as denominações de materialismo, naturalismo, monismo, transformismo, evolucionismo, onde vamos encontrar Buchner, Lamarck, Vogt, Moleschott, Huxley, Haeckel, Darwin, Spencer, para só citar nomes da primeira linha.

Um movimento espiritualista fraco e inconsistente representado pelo ecletismo de Cousin, pelo tradicionalismo de Bonald e Lamennais e pelo ontologismo de Vico quiz reagir, mas fraco e vacillante nos seus alicerces doutrinaarios e sem raizes profundas na realidade, foi vencido facilmente pela onda materialista.

Dahi a fantasia do homem dessa época em dominar o universo e a sua crença integral na sciencia.

De facto, a sedimentação cultural dos seculos XVIII e XIX tinha conseguido impôr ao mundo das intelligencias uma série de postulados scientificos, philosophicos e sociologicos que permaneceram fixos e insuperados até o raiar do seculo XX. Effectivamente seria recebido com um sorriso ironico de incredulidade quem tivesse a veleidade de refutar a lei do homogeneo ao heterogeneo de Spencer, a classificação das sciencias de Comte ou o tempo e o espaço absolutos da mecanica de Newton.

Todo esse absolutismo scientifico transformado numa verdadeira mystica e resultante de uma analyse apressada e imperfeita da realidade, trazia dentro de si o germen da sua propria decadencia. No inicio do seculo XX, uma experimentação mais precisa e exacta, uma observação mais profunda e completa da realidade, punha em cheque todos os postulados scientificos considerados até então como definitivos e inexpugnaveis.

O conceito de sciencia passou a se revestir de um caracter de relatividade, abalando, dos alicerces á cupola, o edificio magestoso e imponente do racionalismo scientifico julgado até esse momento indestructivel. Esse novo estado de espirito se reflectiu em todos os sectores da cultura. E a reacção começou fragorosa na sciencia, na philosophia e na arte.

Lerkull, Driesch e Vialleton, os pioneiros do néo-vitalismo, criando uma biologia pura, que seja unicamente biologia e não physica applicada ao organismo, iniciam um trabalho de demolição do monumento sem base e consistencia do naturalismo evolucionista de Darwin, Haeckel e Spencer.

No dominio da psychologia, Brentano e Dilthey reagem contra o intellectualismo mecanicista de Herbart e a psycho-physiologia que

Wundt herdara de Weber e Fechner, patenteando a relatividade da experimentação em psychologia e assignalando o abysmo profundo existente entre phenomenos psychicos e phenomenos physicos.

No sector da mathematica, Poincaré, Riemann e Lobatschewsky criam geometrias não-euclidianas negando o character absoluto da mathematica, enquanto Einstein procura fundar uma physica que seja puramente physica e não mathematica abstracta, pondo ao mesmo tempo em cheque, com a theoria da relatividade, toda a mecanica de Newton.

No terreno da sociologia, desmoronam-se fragorosamente todas as theorias sociologicas schematicas e unilateraes como a theoria da fatalidade geographica de Buckle e Ratzel, a theoria anthropologica de Gobineau e Lapouge, a theoria dialectica de Hegel, a theoria dos 3 estados de Comte, a theoria da luta de classes de Marx, a theoria do homogeneo ao heterogeneo de Spencer, a theoria dos cyclos culturaes de Spengler.

Como reacção ao exclusivismo mutilador dessas concepções sociologicas, surgem Le Play e a escola da Reforma Social, Tourville e a escola da Sciencia Social cuja obra de character nitidamente anti-naturalista está sendo continuada hoje, ainda que por trajectorias differentes, por uma pleiade brilhantissima de sociologos representada por Paul Bureau e Jacques Valdour na França, Pesch e Brauer na Allemanha, Natale Turco e Olgiati na Italia, Chesterton e Belloc na Inglaterra.

No campo da especulação philosophica, ao raiar do seculo XX, inicia-se um formidavel movimento de reacção contra o delirio naturalista que empolgara a philosophia do seculo passado.

Bergson funda a corrente intuicionista, rechassando a pretensão da sciencia natural de ser o unico methodo scientifico e philosophico e affirmando que o pensamento conceptual, intellectual, é incapaz de apreender a vida, o espirito, e a verdadeira essencia da realidade. Em plena opposição ao monismo naturalista surge ainda a philosophia da cultura de Windelbandt e Rickert cuja concepção da vida e do mundo se baseia em reflexões sobre a cultura em seu desenvolvimento historico. Francamente anti-naturalista é a philosophia phenomenologica que exerce hoje uma influencia consideravel sobre o pensamento philosophico germanico. Fundada por Husserl, continuada e desenvolvida por Max Scheler e Martin Heidegger, essa corrente philosophica possui pontos de contacto muito numerosos com o systema aristotelico-thomista. Com pontos de vista proximos de Husserl tambem vamos encontrar os néo-kantianos Emile Lask e

Nicolai Hartmann, cuja obra profunda revela uma tendencia pronunciadamente anti-materialista.

Influenciadas por Bergson e com um caracter nitidamente anti-naturalista se nos deparam ainda a metaphysica espiritualista de Rathenau e Haebelin e o irracionalismo de Keyserling.

Mas o systema philosophico que com mais vigor e vantagem tem combatido e pulverizado os postulados ephemeros e inconsistentes do naturalismo philosophico é a corrente néo-thomista defensora da philosophia "perennis", synthese maravilhosa e eterna porque dimana da propria Verdade, e que conta legitimos representantes no Brasil como sejam Leonel da França, Alexandre Correia, Ruy Barbosa de Campos e outros, entre os quaes vós, Alceu de Amoroso Lima.

Nas artes a duvida foi total e a reacção formidavel. Iniciada pelo symbolismo e em seguida pelo expressionismo, a reacção culminou com o chamado movimento modernista. Procurou-se então destruir-se tudo para tudo construir-se de novo. Tudo que fosse considerado decalque, copia, photographia, psitacismo, formulas mumificadas, stereotypias, foi abandonado. Para os modernistas, a arte sendo a expressão do estado do espirito de uma época tinha que acompanhar o rythmo dynamico da vida actual. Dahi essa floração de correntes artisticas que se succederam, sob os rotulos de altruismo, criacionismo, dadaismo, futurismo, cubismo, realismo expressivo, super-realismo, que uns explicam como um phenomeno de "cansaço cultural" outros como uma "deshumanização da arte", mas que tudo parece indicar como sendo um esforço de libertação do espirito da materia, uma reacção contra o materialismo esthetico que havia attingido a sua forma mais refinada com o naturalismo e o parnasianismo.

Mas a reacção modernista se limitou ao plano superficial e ephemero da forma e da technica. O seu espiritualismo era apparente e illusorio. No fundo ainda era a mesma esthetica materialista da arte pela arte, desintegrada da Vida, dissociada do Espirito, reduzida á expressão do mundo exterior, á objectivação da realidade sensivel.

O movimento modernista constitue, porém, um exemplo eloquente e impressionante desse estado de pessimismo cultural que Spengler considera a "expressão de uma civilização pura" e um symptoma de decadencia e dissolução.

Essa negação das manifestações materialistas da cultura que foram o apanaglo do seculo XIX, essa inquietação por novas expressões de pensamento e formas diversas de sensibilidade, são provas evidentes de que os homens começaram a duvidar das suas aquisi-

ções jugadas até então insuperáveis. Deixaram de emprestar á sciencia esse valor absoluto que foi a illusão do seculo passado. Compreenderam afinal que a sciencia comquanto de suprema importancia e utilidade dentro do seu raio de acção, sob o ponto de vista gnoseologico, é relativa e limitada, pois nos fornece apenas uma visão unilateral da verdade.

Diante de todas essas manifestações eloquentes e incontrastáveis da fallencia do absolutismo scientifico e do naturalismo philosophico em todas as suas formas, diante do reflorescimento cada vez maior do espiritualismo cuja expressão mais pura e legitima se encontra na philosophia thomista e na fé catholica, sómente o commodismo sybarita dos que preferem sorrir a pesquisar a Verdade ou a obsessão materialista dos que se contentam com as formas exteriores e ephemerias do mundo objectivo, poderão explicar a existencia de espiritos que ainda neguem o plano espiritual da realidade e o sentido sobrenatural da vida humana.

Alceu de Amoroso Lima, no combate ás formas dissolventes do naturalismo philosophico e suas consequencias mutiladoras, na defesa das verdades luminosas do realismo christão e na propaganda dos postulados immortaes da Igreja Catholica, tem sido gigantesca e incomparavel a vossa acção.

Como critico, como philosopho, como sociologo, como pedagogo, a influencia da vossa obra profunda, organica e original, abrangendo todos os ramos do conhecimento humano, ultrapassou o ambito do nosso paiz para se projectar no estrangeiro glorificando o nome do Brasil. E a prova eloquente dessa affirmacão que reflecte a opinião geral, é que, ainda ha pouco, uma revista cultural européa, das mais autorizadas, assignalava o vosso nome como um dos maiores pensadores da época.

Alceu de Amoroso Lima! talvez as referencias merecidamente elogiosas que faço neste momento á vossa pessoa privilegiada, sensibilizem a modestia proverbial do vosso espirito. Mas nós, os catholicos de Campos, não podemos esconder a nossa admiracão entusiastica pela vossa personalidade singular de cavalleiro do Christianismo, o nosso orgulho pela vossa gloria imarcescivel e a suprema alegria que nos empolga pela vossa presença entre nós.

Sêde bemvindo a esta terra, paladino do Ideal! Ella é vossa como vossos são tambem os nossos coraçoes.

CENTRO D. VITAL DE RECIFE

No dia 14 de Maio, data tristemente memoravel na questão de D. Vital e na restauração catholica iniciada pelos Jesuitas, em Pernambuco, o Centro D. Vital reiniciou as suas reuniões na séde propria, installada no antigo palacio da Soledade, actual Collegio Nobrega.

A sessão foi presidida pelo desembargador Felisberto Pereira, presidente do Superior Tribunal de Pernambuco, com a assistencia do Superior Geral dos Jesuitas do Norte do Brasil. Pe. Candido Mendes, S. J. o qual concitou os socios a restaurarem o brilho por elle presenciado em 1929, na qualidade de visitador enviado de Roma, em sessão do mesmo Centro.

Delineou-se o programma de sua actividade no decorrer deste anno, sendo lida seguidamente uma pastoral de D. Vital, sobre os acontecimentos de 14 de maio, annunciando a esse proposito o Rev. Pe. Fernandes, S. J., um trabalho seu, feito especialmente para o Centro D. Vital, no qual estuda toda aquella questão, sob novo aspecto, baseando-se em documentos inéditos e jornaes da época.

Annunciou-se em seguida que o importante trabalho do sr. Manuel Lubambo, lido na semana corporativa promovida pelo Centro D. Vital, virá brevemente á luz da publicidade, como tambem que este mesmo Centro D. Vital cooperará com a Acção Universitaria Catholica na organização dos seus quadros e fundação de centros pré-aucistas, escreverá para A ORDEM e para a "Columna do Centro", promoverá outra semana corporativa para este anno e conferencias de Economia Politica para os Academicos.

Este Centro Filial de Recife, é o primeiro na ordem chronologica. Foi fundado em 1929, na Villa Nobrega, após um retiro fechado, pregado pelo Pe. Camilo Torrend, S. J. A iniciativa partiu dos Congregados Marianos e quasi todos os seus membros fazem parte da mesma Congregação Mariana Academica, inspiradora dos mais vibrantes empreendimentos catholicos no Recife.

A actividade do Centro D. Vital de Pernambuco tem tido algumas interrupções e até eclipses parciais. Contudo, a sua fundação não foi inutil. Em 1929 e 1930 reuniu no seu seio os principaes intellectuaes catholicos de Recife e promoveu notaveis conferencias como as dos Drs. Andrade Bezerra, Barreto Campello, Arthur Moura, Desembargador João Paes, Sr. Manuel Lubambo, etc. Em 1932 despertaram vivo interesse, nomeadamente entre a classe medica, as sabias conferencias do Pe. Frei Mathias Teves, O. F. M., sobre eugenia, promovidas pelo Centro D. Vital, o qual espera publical-as em feixadas em livro.

No mesmo anno o secretario do Centro, Dr. Luiz Delgado, fez, em nome da Instituição vitalicia, e publicou um inquerito sobre a execução do decreto de Francisco de Campos relativo ao ensino religioso nos Grupos Escolares. Foi um trabalho completo, minucioso e endossado pelo Secretario da Educação e pelo Director Technico da Instrução, ambos acatholicos. E' excusado encarecer o seu merito, tão grande que concorreu na Constituinte Federal para se manter o mesmo ensino religioso na nova Constituição, pois serviu de base para se refutar com experiencia concreta a manhosa objecção aprioristica de que tal ensino provocaria desordens e perturbaria a harmonia da classe estudantina.

Em 1933 o Centro Vitalista de Pernambuco promoveu a Semana Corporativa que deu occasião a estudos e discussões muito interessantes.

As interrupções mencionadas devem se attribuir, em parte, ás perturbações politicas e aos trabalhos de maior intensidade a que os seus membros tiveram de se entregar, em nome de outras aggremações, para acudir ás mais prementes necessidades da causa catholica noutros sectores. Assim em 1930, quasi no fim veiu a Revolução que dividiu um tanto os animos. Em 1931, a Congregação Mariana iniciou a campanha de comicios pelo ensino religioso nas praças publicas, os quaes despertaram tanto o espirito catholico na cidade e no interior e culminaram em magnifico triumpho.

Mais tarde a campanha da Liga Eleitoral Catholica absorveu a attenção do presidente Commum, Dr. Andrade Bezerra e doutros membros do Centro, mas resultou dahi a estrondosa victoria da eleição do Dr. Barreto Campello para deputado da Constituinte, onde a sua actuação foi de incalculavel efficiencia em prol das reivindicações catholicas. Disso podem dar testemunho todos os outros deputados, amigos e inimigos, e já o deram em publico os mais autoriza-

dos na materia: a Faculdade de Direito do Rio, Tristão de Athayde e o Em.^o Cardeal D. Leme.

A nova interrupção causada em boa parte do anno passado, tambem foi devida ás novas eleições e ao afastamento do Dr. Andrade Bezerra, que foi encarregado de redigir o ante-projecto da Constituição Estadual e depois nomeado Presidente da Constituinte.

E' de esperar que não tornem a surgir novos motivos de interrupção e que floresça cada vez mais o "Centro" que tem o singular privilegio de ter por séde o antigo Palacio da Soledade, sagrado na historia ecclesiastica do Brasil a ponto de marcar época, porquanto delle partiu a restauração do catholicismo, consumada pelo immortal D. Fr. Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

BIBLIOGRAPHIA

PE. ARLINDO VIEIRA — A Decadencia do Ensino no Brasil — (Suas causas e remedios) — F. Briguiet & Cia., editores — Rio de Janeiro, 1935.

Somos um tanto suspeitos para elogiar este volume. Teriamos que redizer o proprio prefacio do livro. Mas certamente o que o autor deseja não são elogios, pois delles não precisa, por isto mesmo que os merece e ninguem lh'os póde com justiça regatear. O seu maior desejo é, sem duvida, que o leiam, e discutam e concluem se tem ou não razão em apontar a lamentavel situação do nosso curso de humanidades, aqui no Brasil.

Livro de coragem, opportuno, bem escripto, sem pessimismo esteril, mas ao contrario cheio de salutaes conselhos de um mestre que confia no futuro.

J. S.

P. J. J. FRANCO, S. J. — Simão Pedro e Simão Mago — Livraria da Boa Imprensa — Rio de Janeiro, 1935.

Um livro traduzido por Vilhena de Moraes pode-se afirmar, a priori, que é um livro digno de leitura. Este, além das credenciaes do traductor, ainda tem as do autor e o encanto do proprio assumpto.

A versão é feita da 3ª edição italiana e, como de prever, admiravel de correcção e elegancia.

Attendendo a exigencias de paginação e impressão, foi o traductor obrigado a abreviar e supprimir algumas notas. Ainda assim, as que ficaram são preciosas.

O trabalho merece ser lido e propagado pelos que amam as boas letras, que não se contentam apenas com o ser bellas, e ainda bem!

J. S.

HELIO VIANNA — Formação Brasileira — Livraria José Olympio, Rio, 1935.

É um volume da collecção intitulada "Problemas Politicos Contemporaneos". Em 250 paginas compactas estuda o autor a nossa historia politica e social. Resultou o volume de um curso feito no Departamento Provincial de Estudos da Acção Integralista Brasileira, no Rio de Janeiro.

"Obra de synthese, visando um tão vasto objectivo, é natural que não seja perfeita e, muito menos, definitiva". Isto nos declara, modestamente, o proprio autor.

O trabalho é digno de leitura e exame demorado, que talvez ainda tenhamos ensejo de fazer. Por ora registamos apenas, com satisfacção, o seu apparecimento opportuno, agradecendo o exemplar que nos foi offerecido.

J. S.

P. HUBERTO ROHDEN — A Poesia de Jesus — Edições da Cruzada da Boa Imprensa — Rio, 1934.

A actividade do Pe. Huberto Rohden no terreno da Boa Imprensa é devéras notavel. O fundador e director de *Lampejos* é infatigavel. Multiplicam-se os seus volumes, originaes e traducções, e está sempre em caminho de novas realizações no campo que escolheu para exercer a sua benemerita acção apologetica.

Aqui mesmo já demos noticia de sua excellente edição do Novo Testamento. Agora registamos este volume, consagrado ás parabolae allegorias de Jesus. Em estylo simples, agradavel e impregnado de sentimento christão, commenta o autor os divinos ensinamentos. São paginas que fazem bem ao espirito e ao coração.

J. S.

VEIGA MIRANDA — A successão de Coelho Netto na Academia Brasileira de Letras — 1935 — S Paulo.

Candidato á vaga de Coelho Netto na Academia de Letras, o dr. Veiga Miranda escreveu o presente trabalho para justificar a sua candidatura. É uma innovação interessante, uma especie de apresentação de titulos em concurso. Entre outras vantagens, essa innovação permite ao candidato dizer alguma coisa a respeito da cadeira que ambiciona, dos seus occupantes já fallecidos, das razões da sua candidatura e dar a lista dos seus trabalhos já publicados com o juizo critico dos que delles se occupavam. Inclue ainda varias reproducções fac-similares de cartas de Coelho Netto ao Autor do volume, naquella calligraphia tão caracteristica do grande escriptor nacional.

J. S.

**PE. F. M. DE SEQUEIRA — O genero na gram-
matica expositiva — Typ. das "Vozes de Petropolis —
Estado do Rio, Petropolis.**

O autor deste opusculo é um esforçado e competente defensor da lingua vernacula. Em nossa época é já difficil encontrar quem escreva (falar, então!) bom portuguez. A moda é infringir todas as regras, inclusive as do bom senso e as do bom gosto. Bem haja quem ainda acredita na ordem, na pureza da lingua, na autoridade dos velhos mestres. Tal é o autor, a quem damos o nosso applauso.

J. S.

**MALBA TAHAN — Lendas do Céu e da Terra —
(Desenhos de Acquarone) — Rio, 1935.**

"Este livro, publicado sob o titulo *Lendas do Céu e da Terra*, destina-se, apenas, a ser uma collectanea de lendas, pequenas poesias, preces e ensinamentos — tudo sob a inspiração da mais elevada moral christã. Assim nos explica o proprio autor o seu objectivo. Em rigor, o livro é uma como que anthologia christã, e o substantivo *Lendas* não corresponde senão em parte ao conteúdo do volume. Não tem isto, contudo, maior importancia.

O trabalho é deveras interessante, feito com bom gosto, até mesmo no aspecto material. Embora destinado á leitura dos jovens, agrada a qualquer leitor que não esteja contaminado pelos germens da literatura sórdida e corruptora.

O proprio autor é o primeiro a reconhecer a difficuldade de obras desse genero e o perigo das omissões ou inclusões menos justas. De modo geral pensamos que as escolhas foram acertadas. A variedade de assumptos e até de estylos impede a monotonia. Cremos que o livro terá larga divulgação.

O exemplar que nos foi offerecido traz o "nihil obstat" do censor ecclesiastico e o "imprimatur" da autoridade competente.

J. S.

**JUSTO PASTOR BENITEZ — Bajo el Signo de
Marte — (Chronicas de la guerra del Chaco) — Im-
pressora Uruguaya — Montevideo — 1934.**

Agora, que uma tregua fez cessar de todo as hostilidades no Chaco, é interessante ler nestas paginas alguns dos episodios da sangrenta luta que tem manchado de sangue o solo sul-americano.

Naturalmente o ponto de vista do autor é favoravel ao Paraguay. Sem querermos entrar na discussão do problema (seria necessario escrever um volume talvez) — reconhecemos com toda a justiça os meritos literarios deste pequeno volume, vibrante, inspirado pelo sentimento patriotico e que revela o erudito, o orador e o polemista senhor de todos os seus recursos, e que temos o prazer de abrigar no Rio, como illustre e querido ministro de sua patria.

**"O Centro D. Vital é
maior affirmação da intel
ligencia christã em terra
do Brasil.**

Cardeal Leme, Arcebispo

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~  
**Inscreeva-se como socio do**  
**CENTRO D. VITAL**  
**do Rio de Janeiro**

**Fundador: JACKSON DE FIGUEIREDO**

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

DIRECTORIA :

Presidente:

Alceu Amoroso Lima.

Vice-presidente:

Barreto Campello

Secretario:

Hannibal Porto.

Thesoureiro:

M. Xavier Pedrosa.

**Não limite sua acção apenas á leitura d' A OBDEM.
A Acção Catholica reclama sua cooperação nas fileiras do
Centro D. Vital.**

**O C. D. V. fundado ha 14 annos no Rio de Janeiro, por
Jackson de Figueiredo, é representado, hoje, por mais 12
entidades congeneres nas seguintes cidades: Recife, S. Paulo,
S. João del Rey, Bello Horizonte, Aracajú, Fortaleza, Porto
Alegre, S. Salvador, Juiz de Fóra, Itajubá, Ouro Preto,
Uberaba e Campos.**

**Centro D. Vital — Caixa Postal 249
— Rio de Janeiro.**

O liberalismo

de PERILLO GOMES

Prefacio de Tristão de Athayde

UM LIVRO QUE INTERESSA A TODOS

Preço 5\$000

Pedidos á
BIBLIOTHECA ANCHIETA
CAIXA POSTAL 249
Rio de Janeiro

Assignem

“VIDA”

DIRECCÃO DE FRANCISCO DA GAMA LIMA FILHO,
NELSON DE ALMEIDA PRADO, ALVARO MILANEZ,
FRANCISCO DE LA ROCQUE E ALBERTO BRITTO
PEREIRA

REVISTA DE MOCIDADE E DE ACCÃO,
— DE COMBATE E DE FE' —

Assignatura simples — anno 5\$000
Assignatura de manutenção — anno 15\$000
Estrangeiro — anno 10\$000

Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro
Redacção — Praça 15 de Novembro 101 — 2.º andar

INTERESSA-SE PELO ESTUDO DA BIOLOGIA?

Leia quanto antes o magnifico trabalho:

ENSAIOS DE BIOLOGIA

**Direcção de TRISTÃO DE ATHAYDE e
HAMILTON NOGUEIRA**

COLLABORADORES: — Barbosa Quental, Cesar Girard Jacob,
Waldir de Azevedo Franco, Antonio Chaves, Antonio Amarante e
Nelson de Almeida Prado

Preço 6\$000

Com o porte 6\$500

Peça á BIBLIOTHECA ANCHIETA

Praça Quinze, 101 - 2º and. — Caixa Postal 249

AEVUM

(ROMANCE)

Obra posthuma do grande pensador catholico

JACKSON DE FIQUEIREDO

Preço 6\$000

Pedidos á BIBLIOTHECA ANCHIETA

Caixa Postal 249 — Rio de Janeiro

O melhor livro de religião

para o curso secundario

Luz e Vida

O "LIVRO NACIONAL"

Curso superior de Religião, por cathedraticeos da Universidade de Bonn.

Prefacio do P. Leonel Franca, S. J.

Apreciação do P. João Baptista de Siqueira, censor da Curia do Rio de Janeiro.

Adaptação vernacula de fr. Leopoldo Pires Martins, ofm.

A obra foi distinguida com a seguinte recommendação de S. Eminencia:

"Revmo. sr. fr Leopoldo

"Muito lhe agradeço o exemplar de "Luz e Vida". O seu trabalho não é, realmente, uma simples traducção da famosa obra catholica allemã. Inteligentemente adaptada ao nosso meio, publicou V. Revma, um **Curso Superior de Religião**, que bem pôde ser chamado "**LIVRO NACIONAL**". Com todo o empenho, aqui o recommendo aos estudiosos e á nossa mocidade, em geral. Desnecessario se me afigura renovar a V. Revma. o meu commovido reconhecimento pela carinhosa dedicatória.

Com votos e benções em N. S. J. Christo,

(ass.) **Seb. Card. Leme**, Arceb. do R. de J."

1º volume -- **OS DOGMAS DA FE'**: 1ª parte: A Igreja, pelo Dr. J. P. Junglas. Broch. 6\$000 — Enc. 8\$000. Pelo correio mais c porte.

2º volume: **OS DOGMAS DA FE'**: 2ª parte: Jesus Christo — Deus, uno e trino, pelo Dr. J. P. Junglas. No prelo.

3º volume: **MORAL CATHOLICA**, pelo Dr. Fred. Tillmann. Em preparação.

Pedições á **B. ANCHIETA** — Cx. Postal, 249 — Rio de Janeiro

Professores! Educadores! Homens de cultura!

LEDE A

REVISTA BRASILEIRA DE PEDAGOGIA

DIRECTOR: EVERARDO BACKHEUSER

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Avenida Rio Branco, 131 - 3º andar

RIO DE JANEIRO

Assignatura annual 15\$000
Numero avulso 2\$000

BIBLIOTHECA ANCHIETA

A. B. C.

Associação de Bibliothecas Catholicas

Mantem em sua séde a BIBLIOTHECA ANCHIETA que dispõe de um stock de bons livros nacionaes e estrangeiros para servir aos seus amigos desta Capital e do interior do paiz, e conta com a preferencia de todas as pessoas que tenham necessidade de adquirir qualquer obra de orientação catholica, nacional e estrangeira.

A BIBLIOTHECA ANCHIETA está em condições de fornecer livros didacticos aos collegios do interior, com a maxima presteza.

A BIBLIOTHECA ANCHIETA se encarrega de mandar vir do estrangeiro encomendas de livros (de orientação catholica) de todos aquelles que quizerem honral-a com a sua preferencia.

PRAÇA 15, 101-2.º

Caixa Postal 249

RIO DE JANEIRO

**"O Centro D. Vital é
maior afirmação da Intel
ligencia christã em terra
do Brasil.**

Cardeal Leme, Arcebispo

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

**Inscreeva-se como socio do**  
**CENTRO D. VITAL**  
**do Rio de Janeiro**  
**Fundador: JACKSON DE FIGUEIREDO**

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~

DIRECTORIA :

Presidente:

Alceu Amoroso Lima.

Vice-presidente:

Barreto Campello

Secretario:

Hannibal Porto.

Thesoureiro:

M. Xavier Pedrosa.

**Não limite sua acção apenas á leitura d' A ORDEM.
A Acção Catholica reclama sua cooperação nas fileiras do
Centro D. Vital.**

**O C. D. V. fundado ha 14 annos no Rio de Janeiro, por
Jackson de Figueiredo, é representado, hoje, por mais 12
entidades congeneres nas seguintes cidades: Recife, S. Paulo,
S. João del Rey, Bello Horizonte, Aracajú, Fortaleza, Porto
Alegre, S. Salvador, Juiz de Fóra, Itajubá, Ouro Preto,
Uberaba e Campos.**

**Centro D. Vital — Caixa Postal 249
— Rio de Janeiro.**